

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA



Trabalho de Conclusão de Curso

Memórias potencializando diálogos entre o efêmero e o histórico:
o caso do “Café Com Memórias” no Museu Histórico de Morro Redondo

Andréa Cunha Messias

Pelotas, 2018

Andréa Cunha Messias

Memórias potencializando diálogos entre o efêmero e o histórico:
o caso do “Café Com Memórias” no Museu Histórico de Morro Redondo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Pelotas como
requisito ao título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2018

Andréa Cunha Messias

Memórias potencializando diálogos entre o efêmero e o histórico: o caso do “Café
Com Memórias” no Museu Histórico de Morro Redondo

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 12 de julho de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro (Orientador)

Doutorado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (MAE-USP).

Prof.^a Dr.^a Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dedico este trabalho aos idosos, crianças, educadores e colegas que, ao longo do tempo vivenciado em conjunto, ampliaram a minha visão de mundo e fizeram-me reacreditar na essência dos seres humanos.

Agradecimentos

A Deus que, em Sua infinita bondade, compreende o meu distanciamento Dele e continua dando-me forças para continuar a lutar pelos meus sonhos.

À minha família que, por excesso de amor e proteção, muitas vezes, me fez lutar para concretizar esta etapa. Mas, nos momentos em que mais precisei, sempre soube acolher-me.

À minha amiga de longa data e antiga Psicóloga, Moema da Silveira Leite, que, através de suas palavras, tem me ajudado a reacreditar em meu potencial e a aprender a conviver de forma menos traumática com a minha hipersensibilidade emocional.

Ao meu “anjo da guarda pelotense”, Lúcia Iara Botelho, que me dá forças e incentiva o meu crescimento pessoal.

De forma geral, agradeço aos Professores da Universidade Federal de Pelotas e às colegas que, ao longo dos anos, contribuíram para a minha formação acadêmica. Em particular, agradeço:

À Prof.^a Sarah Maggitti, por iniciar a minha visão acadêmica no contexto da teoria museológica e pelas inúmeras vezes em que se posicionou como uma amiga íntima fortalecendo-me nos momentos difíceis pelos quais passei durante estes anos.

À Prof.^a Juliane Serres, pela paixão despertada pela história dos museus e compreensão de que a visão ocidental limita muito o potencial deles.

À Prof.^a Maria Letícia, por ter demonstrado que os museus podem e devem investir esforços em relação ao fortalecimento da memória e da identidade social, aspectos básicos desta pesquisa.

Ao Prof. Rogério Gonçalves da Rosa, por propiciar-me compreender a importância da aplicação do conceito de alteridade e do método da observação participante no momento em que iniciei a minha atuação como aprendiz de cientista social.

Ao Prof. Miranda, por ampliar a minha percepção artística e minhas noções sobre construção de espaços expográficos, bem como pelos diversos ensinamentos de vida.

À Prof.^a Nôris Leal, cujas aulas de documentação museológica contribuíram intensamente para as minhas reflexões nesta pesquisa.

À Prof.^a Carla Gastaud que, pela sua forma diplomática de tratar conflitos, tem inspirado a minha aprendizagem sobre este tema.

À Prof.^a Mari Lucie Loreto, por mostrar-me a importância da arte como uma manifestação da criatividade humana e por ser um grande exemplo de como devemos agir no contexto académico. Agradeço pelo apoio recebido através das longas e intensas conversas que já tivemos.

À Prof.^a Gabriela Figurelli, que me permitiu pensar a preservação e a conservação para além da materialidade; a razão inicial desta pesquisa. Agradeço também pelas inúmeras vezes nas quais me apoiaste.

Ao Prof. Márcio Dillmann, por demonstrar a possibilidade de utilizarmos processos museológicos mais dinâmicos.

Ao Prof. Daniel Viana, por orientar-me na estruturação do pré-projeto desta pesquisa e por mostrar-me que o mundo não tem nada de “cor-de-rosa”. Agradeço por fazer-me enxergar os motivos das injustiças sociais.

À Prof.^a Rita Juliana Polloni, pelo ensinamento em relação à metodologia do trabalho científico, além de toda força dada nos momentos mais difíceis nestes últimos anos da graduação. Foste uma das pessoas mais prestativas dentre aquelas com quem convivi na UFPEL.

Ao Prof. Diego Lemos Ribeiro, grande-mestre e educador, por suas aulas inspiradoras e estimuladoras de um olhar museológico crítico, sensível e criativo nos alunos. Muito obrigada pela orientação nesta pesquisa, pela contribuição através de sua leitura criteriosa e pelos infindáveis momentos nos quais soubeste ser o ombro-amigo, acolhedor e norteador que tanto necessitei e necessito.

Ao Prof. Rodrigo Vital, por potencializar a minha empatia ao mostrar-me quão importante é provermos a escuta aos idosos.

Aos colegas-irmãos Thiago, Carliston, Danilo, Lucia Helena, Minervina e Cristiele, por toda convivência, aprendizado, incentivo e por terem fortalecido o sentido da palavra amizade.

Aos idosos do “Café Com Memórias” e a todas as pessoas que participaram de suas ações.

Vocês modificaram a minha vida! Gratidão é o sentimento que invade o meu ser nesta hora!

“There will never be a device of telecommunication as satisfactory as the direct contact not merely with the voice, but also with the hand, the eye, the casual and meaningful ad lib, and with that something that flows out of the very constitution of the individual in his or her physical self” (TILDEN, 1977, p. 95).

Resumo

MESSIAS, Andréa Cunha. **Memórias potencializando diálogos entre o efêmero e o histórico**: o caso do “Café Com Memórias” e do Museu Histórico de Morro Redondo. 2018. 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta pesquisa, cujo tema orbita dentro do universo teórico da Museologia, diz respeito à ideia de um museu efêmero. Esse conceito é pensado a partir do evento intitulado “Café Com Memórias”, processo museológico protagonizado por idosos e promovido em parceria com o Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR), localizado no município homônimo. A relevância do trabalho empírico constitui-se em contribuir para a reflexão do conceito de museu reformulado pelo *International Council of Museums* (ICOM) em 2007, lançando luz sobre o campo museológico ao tratar de processos dinâmicos que potencializam a interação entre sujeitos, objetos musealizados e cenários da cidade mencionada acima. O objetivo do trabalho consiste em verificar a possibilidade de o “Café Com Memórias” ser considerado um museu efêmero, tendo como referencial os conceitos de performance museal e de musealidade. A pesquisa, dentro do escopo da comunicação museológica, reflete sobre processos não convencionais de curadoria de coleções museológicas, que vão de encontro aos processos tradicionais de musealização. O trabalho ressalta que, no contexto do “Café Com Memórias”, os idosos colocam o acervo do museu histórico em performance, que muitas vezes envolve crianças matriculadas nas redes públicas de ensino, encenando os usos e demonstrando os efeitos que esses objetos e o cenário da cidade têm sobre eles. A partir dessas ações efêmeras, os idosos fortalecem memórias individuais e coletivas ao conectar vidas através do compartilhamento das narrativas memoriais, além de ativar o olhar patrimonial. Os resultados apresentados partiram da aplicação do método da observação participante, empreendida entre novembro de 2015 e junho de 2018 e da realização de entrevistas semiestruturadas. Os primeiros indícios demonstraram que os públicos começaram a visualizar possibilidades de apropriação de novas musealidades e que as ações contribuem para a aproximação de idosos e crianças, além de produzir efeitos positivos em relação à autoestima dos participantes. As ações contribuem também para a criação de uma rede de memórias que nutre a documentação museológica do MHMR. Dessa forma, conclui-se que é possível deslocar o conceito de museu-instituição para o museu-espço de criatividade e local de reivindicação de memórias e identidades, passível de acontecer em qualquer lugar, a qualquer tempo.

Palavras-chave: idosos; museu efêmero; performance museal; memória; musealidade.

Abstract

This research, whose theme lies within the theoretical universe of Museology, concerns the idea of an ephemeral museum. This concept is based on the event "*Café Com Memórias*", a museological process carried out by the elderly, in partnership with the *Museu Histórico de Morro Redondo* (MHMR), located in the homonymous municipality. The relevance of the empirical work is to contribute to the reflection on the museum concept, reformulated by the International Council of Museums (ICOM) in 2007, and connects to the museological field by addressing dynamic processes that enhance the interaction between subjects, displayed objects, and the scenarios in local the municipality. The objective of this work is to verify the possibility of "*Café Com Memórias*" being considered an ephemeral museum referencing to the concepts of museality and museum performance. The research, within the scope of museological communication, reflects on unconventional processes of curation of museological collections, which go against traditional processes of musealization. The thesis emphasizes that, in the context of "*Café Com Memórias*", the elderly use the collection of the Historical Museum in performances, which often involve children enrolled in public schools, demonstrating the uses and effects that these objects and the scenario of the City have over them. From these ephemeral actions, the elderly strengthen individual and collective memories by connecting lives through the sharing of narratives about their memories, as well as bringing attention to the local patrimony. The results presented were based on the application of the participant observation method, carried out between November 2015 and June 2018, and semi-structured interviews. The initial evidence showed that audiences began to visualize possibilities of appropriation of new musealities and that these actions contribute to the approximation of the elderly and children, besides producing positive effects in relation to the participants' self-esteem. These actions also contribute to the creation of a network of memories that nourishes the museological documentation of the MHMR. It was then concluded that it is possible to move the concept of museum from "institution" to "space of creativity", an area to negotiate memories and identities, that can happen anywhere, at any time.

Key-words: elderly; ephemeral museum; museum performance; memory; museality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sr. Élio e a sua reflexão sobre os museus.....	20
Figura 2	Objeto em performance.....	24
Figura 3	Narrativas memoriais sobre o saber-fazer do doce colonial.....	33
Figura 4	Objeto em dinâmica: Um mediador cultural.....	34
Figura 5	Grupo da AAPECAN – Pelotas na entrada do MHMR.....	39
Figura 6	Esquema conceitual do “Café Com Memórias”.....	47
Figura 7	“Caminhada da Percepção” pelos arredores do MHMR.....	51
Figura 8	Atividade com apoio da Neurociência.....	59
Figura 9	Atividade com apoio da Terapia Ocupacional.....	59
Figura 10	A rua como cenário do “Café Com Memórias”.....	63
Figura 11	Narrativas vivenciadas durante o Estado Novo (1937-1945).....	65
Figura 12	Objetos do MHMR em dinâmica durante encenação teatral.....	65
Figura 13	Apresentação dos trabalhos de salvaguarda ao IPHAN.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICOM	<i>International Council of Museums</i>
ICOFOM	<i>International Committee for Museology</i>
MHMR	Museu Histórico de Morro Redondo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
AAPECAN	Associação de Apoio a Pessoas com Câncer
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
USP	Universidade de São Paulo
ILP	Instituição de Longa Permanência
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
CRAS	Centro de Referência e Assistência Social
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 OS SUJEITOS E OS MUSEUS: O TEMPO DO PATRIMÔNIO MUSEALIZADO.....	18
1.1 O colecionismo e a ruptura da vida artefactual nos museus.....	19
1.2 Novos Tempos: Novos Museus.....	26
1.3 A musealidade e a “performacidade”: Fomentadoras da vida artefactual.....	30
2 O PATRIMÔNIO MUSEALIZADO EM MORRO REDONDO/RS: OS IDOSOS E OS MUSEUS.....	34
2.1 Os idosos e o nascimento do Museu Histórico de Morro Redondo.....	35
2.2 Estudo de caso: O “Café Com Memórias” como um museu efêmero.....	41
2.2.1 O nascimento do “Café Com Memória”: a percepção e a atuação como um museu efêmero.....	42
2.2.2 Os Idosos no “Café Com Memórias”: Agregadores de memórias e de identidades.....	48
2.2.3 O “Café Com Memórias”: A função terapêutica de um museu efêmero	57
2.3.4 Memórias potencializando diálogos entre a efemeridade e a historicidade.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	78
ANEXO.....	83

INTRODUÇÃO

“Não gosto tanto dos museus. Muitos são admiráveis, nenhum é delicioso. As ideias de classificação, conservação e utilidade pública, que são justas e claras, guardam pouca relação com as delícias” (VALÉRY, 1931).

Em 1931, ao visitar as galerias do Museu do Louvre, Paul Valéry (1871-1945) demonstra a percepção da opressão, da frieza e o sentimento de morte simbólica que a exposição das coleções musealizadas causava nele. No seu relato, o poeta e escritor acrescenta que, apesar de as coleções estarem devidamente classificadas e conservadas, sentia-se constrangido, no museu visitado, diante da sensação que o ambiente promovia.

Em sua narração, o autor compara o espaço visitado a um templo, a uma igreja e a uma escola, em decorrência da postura autocrática adotada pela instituição. Ao mesmo tempo, ele faz a seguinte reflexão sobre o papel dos museus: - Eles serviam para instruir as pessoas, para satisfazer convenções ou deveriam ser espaços para promover encantamentos? Para ele, a ausência da essência de vida que originou as coleções daquele espaço de representação soava como o prenúncio da morte (VALÉRY, 1931).

A vida continua... O tempo passa. Oitenta e seis anos após essa *confissão poética*, vivenciamos uma experiência na qual um pescador artesanal, o Sr. Élio, morador da Colônia de Pesca Z3, em Pelotas – RS, relatou um sentimento semelhante em relação aos museus. Segundo a percepção desse senhor, os museus afastam os objetos da vida e das pessoas¹.

A nossa vivência como estudante no Bacharelado de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (doravante UFPEL) e o nosso interesse em estudar os museus proporcionaram a realização de diversas visitas técnicas a diferentes instituições museológicas. Durante esses momentos, percebemos que os museus que optaram por afastar as coleções da dinâmica social, na grande maioria das vezes, estavam reforçando a percepção de Paul Valéry (1931) e do Sr. Élio (2017).

¹ A narrativa obtida com o Sr. Élio foi fruto de uma roda de conversa intitulada “Etno-preservação nas falas dos idosos da Colônia Z3”, promovida pela III Semana Integrada da Museologia Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas em 05 de outubro de 2017.

Percebemos que, ao longo do Curso, a constatação da ruptura com o tecido social por parte de alguns museus aumentava, paulatinamente, o nosso incômodo. Observamos também que muitos espaços museológicos visitados destinam esforços à preservação das materialidades, mas esquecem de que a preservação do patrimônio depende da sua apropriação social.

A partir dessas percepções, surgiram os seguintes questionamentos: Seriam os museus locais de continuidade ou de estagnação e de morte dos objetos esteticamente expostos? Como desenvolver processos de musealização para que os museus passem a ser locais de continuidade, de preservação da vida simbólica dos objetos?

As observações descritas anteriormente fizeram-nos pensar na possibilidade de realização desta pesquisa empírica. Ressaltamos também que a nossa vivência, desde o início de 2014, no projeto de extensão “Museu Morrorredondense: Espaço de Memórias e Identidades”, o qual presta apoio técnico e científico ao Museu Histórico de Morro Redondo (doravante MHMR)² permitiu pensarmos na preservação para além da materialidade das coleções por observamos o valor simbólico que as coleções têm para os idosos.

Destacamos que realizar uma pesquisa em Morro Redondo – RS, município com população formada por 6.548 habitantes, segundo informações apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE) em 2016, e nos determos à performance de idosos justifica-se pelo fato de o município possuir um índice de 20,95% da população com 60 anos ou mais, dado considerado elevado em relação ao Rio Grande do Sul, ao Brasil e ao mundo.

Ao longo dos anos de trabalho voluntário, percebemos a relação identitária que os idosos mantinham com as coleções expostas e escutamos diversos relatos memoriais feitos por eles durante a visita ao MHMR. Outro fator primordial para a concepção desta pesquisa foi o início, em novembro de 2015, de uma experiência museológica denominada “Café Com Memórias”, pensada em conjunto com as comunidades e realizada em parceria com o MHMR.

² O Museu Histórico de Morro Redondo (MHMR) foi criado a partir da vontade de memória de moradores idosos ao formarem coleções com o intuito de preservar os costumes, o trabalho e o lazer na cidade e na zona rural. Elucidaremos, no capítulo terceiro, a importância dessa instituição para a nossa pesquisa.

Essa ação, que acontece fora do espaço institucionalizado, proporcionou o contato dos idosos com os objetos do acervo do museu histórico. Em encontros mensais, no “Café Com Memórias”, eles têm a oportunidade de colocar o objeto em performance através da encenação dos diversos usos que eles possuíam no passado. Nesse momento, a relação dos sujeitos com os objetos demonstra a interação entre ambos, tornando aparente o potencial identitário do acervo.

A partir das ações acontecidas no “Café Com Memórias”, as histórias de vida dos participantes começaram a entrelaçar-se através das narrativas memoriais. Nelas, os objetos são entendidos como sociotransmissores (CANDAU, 2009) em decorrência do potencial de evocação de memórias. Ao serem compartilhadas, essas memórias individuais colaboram para o fortalecimento da memória coletiva, conforme elucida Halbwachs (1996).

As ações do “Café Com Memórias” fizeram-nos pensar na possibilidade de questionar o conceito de museu, mesmo após a última reformulação feita pelo *International Council of Museums* (doravante ICOM) em 2007. Percebemos que o conceito propagado ainda reduz a concepção de museu aos espaços institucionalizados e permanentes. Em nosso entendimento, o ICOM (2007) reforça um modelo ocidental de museu ao mesmo tempo em que parece relegar, à margem do campo museológico, outras possibilidades igualmente significativas. Entendemos ser essa reflexão a contribuição da nossa pesquisa para a área museológica.

Como objeto de pesquisa, investigamos o “Café Com Memórias” como uma possibilidade de museu efêmero. Formulamos o nosso objeto de estudo baseados na concepção de Scheiner (2008) ao conceber a ideia de museu enquanto um fenômeno fluido e dinâmico, passível de acontecer em qualquer lugar e a qualquer tempo.

Em nosso estudo, partimos da premissa de que existe uma performance museal baseada no protagonismo de idosos dentro de um cenário efêmero denominado “Café Com Memórias”. Nesse contexto, perguntamo-nos: Essas performances seriam museus efêmeros? Defendemos a hipótese de que a performance dos idosos é capaz de fortalecer memórias e identidades, além de potencializar a descoberta de novas musealidades, aspectos que, se forem confirmados, justificarão a ideia do “Café Com Memórias” como um museu efêmero.

Nessa perspectiva, nosso objetivo geral consiste em verificar a possibilidade de o “Café Com Memórias” ser considerado um museu efêmero a partir de uma abordagem teórica, tendo como referencial os conceitos de performance museal, segundo Richard Schechner (1985) e Brulon (2012), e de musealidade, conforme Stránský (1970) e Maroevic (1998).

Destacamos que nosso primeiro objetivo específico é descrever como a dinâmica do “Café Com Memórias”, baseada no entendimento do museu efêmero enquanto uma “obra-aberta”, pode potencializar novas musealidades em um modelo contemporâneo de museu. Em seguida, buscaremos analisar como a performance museal do “Café Com Memórias” contribui para a preservação do patrimônio apropriado pelos idosos. Por fim, pretendemos verificar, a partir da reverberação das ações no MHMR, a contribuição do “Café Com Memórias” para a modificação dos processos de musealização.

Como metodologia, lançamos mão do critério metodológico qualitativo. Aprofundaremos-nos no entendimento dos significados e na contribuição teórica que as ações do “Café Com Memórias” podem ter ao aproximar as narrativas dos idosos ao tecido social que eles vivenciam.

Optamos por trabalhar através de um estudo de caso tendo em vista que, segundo Yin (2001), esta seria a estratégia mais indicada para pesquisas qualitativas que desejam explicar como eventos acontecem em contextos específicos.

Utilizaremos também a observação participante como metodologia, por estarmos em contato direto com o contexto da pesquisa desde 2014. Segundo Proença (2007), quanto maior for o tempo de convivência do pesquisador com o contexto da pesquisa, maiores serão as possibilidades de interpretação das relações sociais de apreensão dos aspectos simbólicos.

No que concerne aos métodos de procedimentos, pretendemos utilizar a pesquisa bibliográfica em relação aos seguintes aspectos da teoria museológica: o princípio da musealidade, a performance museal e o conceito de efemeridade, ambos atrelados às concepções de museus na contemporaneidade.

Como exemplo de outros métodos de procedimentos a serem utilizados, teremos as entrevistas semiestruturadas com moradores de Morro Redondo que

participaram das ações e com os idosos protagonistas do “Café Com Memórias”. Através delas, objetivamos compreender a relação dos entrevistados com os lugares de memórias que foram apropriados durante as ações.

Nossa pesquisa foi estruturada em quatro partes, sendo a Introdução a primeira delas. O primeiro capítulo, intitulado “Os sujeitos e os museus: o tempo do patrimônio musealizado” traz reflexões sobre o colecionismo e sobre o patrimônio musealizado. Refletimos sobre o conceito de museu reformulado pelo ICOM (2007) e trazemos também as contribuições da musealidade e da performance museal como elementos fomentadores da vida artefactual.

No segundo capítulo, que tem como título “O patrimônio musealizado em Morro Redondo/RS: Os Idosos e os Museus” descrevemos o processo de criação do MHMR e as modificações sofridas pela instituição desde 2006 e trazemos o nosso estudo de caso: “O “Café Com Memórias” como um museu efêmero”.

Em relação ao nosso estudo de caso, ressaltamos que foi estruturado em quatro subcapítulos. No primeiro deles, descrevemos o nascimento, a percepção e a atuação do “Café Com Memórias” como um museu efêmero. Nesse ponto, analisamos as observações do trabalho de campo baseando-nos nas contribuições teóricas de Scheiner (2008), Chagas (1994) e Lontrão (2011). Partimos do princípio de que a efemeridade diz respeito aos cenários das ações do “Café Com Memórias” e ao caráter dinâmico, fluído e camaleônico que os museus podem assumir, conforme também defendem esses autores. Ressaltamos que, na concepção do “Café Com Memórias” como museu efêmero, encontra-se o caráter inovador da pesquisa.

O subcapítulo segundo delinea o protagonismo dos idosos como agregadores de memórias e de identidades sociais, como entende Pollack (1992). Ao trazermos as contribuições de Bosi (1994) e Chauí (1994) para analisarmos os resultados das entrevistas semiestruturadas, demonstramos a potencialidade dos idosos do “Café Com Memórias” ao assumirem a postura de atores sociais locais, tal qual compreende Varine (2013).

As primeiras percepções obtidas sobre o “Café Com Memórias” demonstraram o caráter terapêutico que a escuta qualificada foi capaz de proporcionar aos idosos. Por esse motivo, dedicamos o subcapítulo terceiro a

analisar as entrevistas e a demonstrar de que forma o MHMR atuou como espaço terapêutico para os idosos, como potencializador da memória individual e como ativador do olhar patrimonial.

Por fim, trouxemos, no último subcapítulo, a forma como as memórias potencializaram diálogos entre a efemeridade e a historicidade. Destacamos a contribuição da memória individual e coletiva para a construção da memória histórica, a partir das observações feitas, em campo, das análises das entrevistas e das ações de sensibilização que envolveram o “Café Com Memórias” e o MHMR.

1 OS SUJEITOS E OS MUSEUS: O TEMPO DO PATRIMÔNIO MUSEALIZADO

Neste primeiro capítulo, traremos discussões acerca das coleções musealizadas e da possibilidade de quebra da vida artefactual em virtude da adoção de práticas museográficas, as quais podem ser observadas em museus, como nos ortodoxos. Ao nos referirmos a esses museus, estamos referindo-nos aos espaços museológicos que seguem padrões clássicos, tradicionais, normatizados e regulamentados pelo ICOM. Em relação ao tema que abordaremos, comungamos com Varine (2010) quando ele descreve posturas ortodoxas e cita que elas são comuns em museus do tipo tradicional, cuja curadoria fica somente a cargo dos profissionais da instituição. O autor ressalta que, para museus que adotam essa postura, o vínculo do objeto com a população pouco importa.

Ao tratar de novos entendimentos de museus, remetemo-nos também à Cury e Vasconcellos (2012) quando analisam os processos de musealização dos artefatos indígenas nos museus antropológicos e defendem a necessidade de uma nova postura museal para interpretar esse patrimônio.

Através da concepção de um museu não ortodoxo, traremos fundamentos da teoria museológica para embasar a nossa ideia, por entendemos que existem outras formas de enxergar o patrimônio e, portanto, de preservá-lo. Ao final do capítulo, ressaltamos a importância da musealidade e da performance museal, no contexto estudado, para manutenção da vida artefactual dos objetos e para a potencialização de memórias e de identidades.

1.1 O colecionismo e a ruptura da vida artefactual nos museus

“Os museus conservam, mas não dão continuidade”
(Sr Élio- informação verbal³).

O colecionismo está na origem dos museus. Desde os mais remotos tempos, os seres humanos, por diversas motivações, passaram a recolher e a

³ Percepção do Sr. Élio, pescador artesanal e morador da Colônia Z3, localizada em Pelotas - RS, obtida por ocasião da roda de conversa intitulada “Etno-preservação nas falas dos idosos da Colônia Z3”, promovida pela III Semana Integrada da Museologia Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas em 05 de outubro de 2017.

preservar objetos. Ao longo dos séculos, em diversos lugares do mundo, as coleções foram formadas. Pomian (1984) descreveu diversos motivos pelos quais as coleções foram sendo formadas ao longo do tempo, são alguns: o gosto pessoal, o interesse pelo exótico, o prazer estético, a demonstração de poder.

No seu estudo, Pomian (1984) destaca que as coleções servem como suporte de memórias e os objetos que são carregados de significados cumprem a função de semióforos. Compreendemos que, nessa condição, as coleções estabelecem uma ponte entre o mundo visível (através da sua materialidade) e o mundo invisível (a psiquê; as histórias de vida de cada pessoa e suas memórias individuais). Sobre o papel das coleções, Pomian ressalta que:

Todas as colecções estudadas cumprem uma mesma função, a de permitir aos objectos que as compõem desempenhar o papel de intermediários entre os espectadores, quaisquer que eles sejam, e os habitantes de um mundo ao qual aqueles são exteriores (1984, p. 67).

Por esse princípio, seria esperado que, ao chegar aos museus, as coleções cumprissem o seu papel como intermediadoras de cultura e comunicassem o vínculo com o meio social. Entretanto, a literatura citada ao longo da nossa pesquisa demonstrará que os museus, a partir dos discursos e das escolhas feitas, podem romper esse laço de vida artefactual e contribuir para que estes espaços sejam entendidos, pelo senso comum, como depósitos de objetos velhos. Como exemplo, citamos Dominique Poulot (2013), ao analisar os museus na contemporaneidade, afirma que “[...] estão associados certamente a arquétipos antigos” (2013, p. 16).

Sabemos que ao adentrarem aos museus (ou seja, quando se tornam um patrimônio musealizado), as coleções são submetidas a um encadeamento de procedimentos de musealização. Dentre eles, estão os processos de salvaguarda e comunicação. Esses processos são baseados na compreensão ocidental do conceito de patrimônio e do papel que os museus devem desempenhar (GONÇALVES, 2002). Por essa óptica, cabe às instituições museológicas desenvolver meios para desacelerar os efeitos do tempo sobre os objetos. No mesmo instante da aquisição, no interior dos museus, é dada a largada na corrida contra o tempo.

Por maiores que tenham sido os avanços científicos e os estudos sobre os procedimentos considerados mais apropriados para a conservação e a preservação das materialidades que configuram os patrimônios, segundo a óptica ocidental, observamos que o tempo continua a agir sobre elas. Por essa razão, Brito (2011) informa que os autores Henri-Pierre Jeudy e Marc Guillaume caracterizam o trabalho de preservação do patrimônio material como “trabalho de luto”, ou seja, um mero paliativo contra a irreversibilidade do tempo, fato, este, que faz com que essa luta já se inicie fadada ao fracasso, por prolongar a “vida”, mas não garantir a sua existência *ad eternum*.

Dessa forma, percebemos um contraste que é comumente observado no processo de salvaguarda dos museus ortodoxos: ao condecorarem os artefatos com a insígnia de peças museológicas, muitas vezes, e em decorrência de um processo comunicativo autocrático (CURY, 2005), os rebaixam a objetos de contemplação expostos esteticamente em um templo de representação reconhecido, por muitos, como museu. Esses ambientes convencionados à preservação costumam entender que, ao colocar os objetos em exposição, por si só, a comunicação dos seus valores sociais, a qual garante a sobrevivência artefactual, estaria sendo feita.

A “morte” semântica do objeto no momento em que ele adentra ao museu é exemplificada por Clarisse Kubrusly (2013). Ao estudar a musealização da boneca calunga (objeto mágico-religioso pertencente à nação maracatu – tradição religiosa afro-brasileira em Recife/PE), a autora ressalta que:

Em geral, do ponto de vista dos “maracatuzeiros”, quando uma calunga de maracatu ou os objetos pessoais de rainhas e mestres consagrados são “recolhidos” por museus, ocorre uma espécie de “morte” para a nação. O tipo de eternização e de preservação que o museu propõe inviabiliza a qualidade de “agência espiritual” que o objeto até então exercia (KUBRUSLY, 2013, p. 219).

A mesma autora cita que os maracatureizos entendem que, ao adentrar em um museu, a calunga nunca mais sairá dele para fazer parte do cortejo nas ruas e proteger a nação: a sua função mais importante. Kubrusly comenta que:

[...] do ponto de vista do nativo, a perda da sua agência protetora é ressaltada quando uma calunga vai para algum museu. No museu a boneca não come, não age, não fala. Sua vida fica reduzida a uma potência que pode até ser reativada, mas que está parada, como se fosse morta (2013, p. 219).

Compreendemos o olhar do nativo em relação ao rompimento da vida social da boneca calunga quando ela adentra no museu. Vivenciamos uma percepção semelhante em relação a esse tema durante uma conversa com um pescador artesanal da Colônia Z3, localizada no município de Pelotas/RS.

Em uma roda de conversa sobre etno-preservação, durante a III Semana Acadêmica da Museologia Conservação e Restauro promovida pela Universidade Federal de Pelotas (doravante UFPEL) em 2017, o Sr. Élio, ao ser questionado sobre os benefícios da criação de um museu da pesca na região, declara não ter certeza da eficácia dessa proposta. O pescador explicou que os museus que ele visitou preocupavam-se com a manutenção física do objeto, mas os separavam das pessoas e, dessa forma, não conseguiam dar continuidade à vida do objeto. Portanto, ele desconfia da potencialidade dos museus.

As observações do Sr. Élio (utilizando-se da sabedoria popular e da própria capacidade de observação do mundo - Figura 1) estão longe de ser encaradas como “história de pescador”. Elas incitam a reflexão sobre a relação que os museus travam com os objetos de suas coleções e fazem pensar como os processos de musealização, ao adotar práticas museográficas tradicionais, podem cristalizar processos dinâmicos na tentativa de prolongar a vida da materialidade.



Figura 1 - Sr. Élio e a sua reflexão sobre os museus.
Fonte: MESSIAS, 2017.

Ao tentarmos analisar as afirmações feitas pelo Sr. Élio, baseando-nos nas teorias estudadas na museologia, verificamos que podem ser entendidas através da análise do pensamento de Baudrillard (2002). Em nossa pesquisa, buscamos aporte

no posicionamento do autor quando afirma que, de certa maneira, a musealização pode configurar-se como o oposto da preservação.

Percebemos que Chagas (2007) e Kubrusly (2013) comungam com o pensamento de Baudrillard (2002) quando analisam a possibilidade de ruptura da dinâmica social dos objetos expostos em museus. Sabemos que os museus não são blocos unânimes e que as suas práticas são determinadas por suas escolhas, as quais, por sua vez, criam seus discursos expositivos.

Concordamos com a discussão que esses autores trazem sobre a perspectiva moderna e ocidental de preservação ser inadequada para determinadas culturas e cosmovisões. O que, para a perspectiva moderna, é eternizar e dar vida, para outros, como no caso do contexto da nossa pesquisa, pode significar a morte artefactual. Nesse ponto, ressaltamos que os posicionamentos desses autores servem como aporte para a consolidação de argumentos para o nosso estudo.

Compreendemos a necessidade da adoção de mecanismos de preservação da cultura material nos museus. No entanto, refletimos sobre a indispensabilidade de as estratégias de preservação irem ao encontro das dinâmicas sociais, contribuindo para expandir o potencial de comunicação de um museu através do envolvimento de diferentes atores sociais (CURY, 2005).

A dinamização de acervos, como no caso de um dos nossos universos de estudo, o MHMR⁴, uma instituição que preserva acervos capazes de representar modos de vida e relações entre o espaço urbano e rural no município de Morro Redondo, causa conflitos entre os estudiosos da área de memória e patrimônio. Por inúmeras vezes e por conta dos preceitos da preservação e da conservação dos acervos, o MHMR foi criticado no meio acadêmico, por permitir que o seu acervo seja manipulado por idosos durante as ações do “Café Com Memórias”⁵. Em relação às críticas, cabe-nos fazer a seguinte problematização: No momento em que uma

⁴ O Museu Histórico de Morro Redondo foi criado a partir da vontade de moradores idosos de formarem coleções cujo intuito seria preservar memórias, costumes, modos de trabalho, além de proporcionar lazer na cidade e na zona rural. Elucidaremos, no capítulo terceiro, a importância da instituição para a nossa pesquisa.

⁵ O “Café Com Memórias”, objeto do nosso estudo de caso, será analisado de forma pormenorizada no segundo capítulo. Nesse ponto, interessa-nos conceituá-lo como um fenômeno museológico no qual alguns objetos do MHMR e cenários da cidade funcionam como mediadores culturais e potencializadores da memória de idosos. Através de encontros de socialização entre idosos e, em algumas ocasiões, entre crianças e visitantes, esses atores sociais da terceira idade narram suas histórias de vida e potencializam a construção de uma rede de memórias sobre o tema trabalhado nos encontros.

instituição museológica permite que atores sociais interajam com os objetos e encenem o uso dos mesmos, o que está querendo preservar e potencializar?

Estaríamos sendo ingênuos, para não dizer irresponsáveis, caso pregássemos que a dinamização do acervo da forma como acontece em nosso contexto de estudo é possível de ser adotada em todos os museus. Entendemos perfeitamente que os universos museológicos não são unânimes e que as especificidades dos acervos direcionam condutas mais específicas. Sabemos perfeitamente que:

Enquanto a preservação mais rigorosa busca evitar o perigo e opõe-se à exposição, ao contato do participante, aos efeitos prejudiciais da luz, da umidade e da temperatura; a dinamização caminha em direção ao uso social, à apropriação do bem cultural pelo participante, expondo-o assim aos mais diversos riscos (CHAGAS, 1994, p. 59).

Concordamos que:

O desafio maior do museu é alcançar um ponto de equilíbrio entre a preservação e a dinamização e esta, por seu turno, atue com desejável bom senso e com a noção de cálculo de risco. Em qualquer hipótese, o que é preciso admitir é que a morte dos bens culturais é inevitável e que a preservação busca apenas prolongar, por mais algum tempo, a vida física dos mesmos (CHAGAS, 1994, p. 59).

Ao longo dessa pesquisa, demonstraremos que, no “Café Com Memórias”, não há incentivo ao toque pelo toque, no afã de satisfazer a curiosidade de conhecer, de perto, aquele objeto exótico que se encontra distante da realidade contemporânea. A flexibilidade de posicionamento ou até mesmo o rompimento com determinados procedimentos curatoriais tradicionais justifica-se pelo potencial que tal ação promove nos sujeitos, sendo eles visitantes ou os próprios atores sociais (vide Fig 2). Nesse ponto, importa ressaltar que a dinamização do acervo potencializou a visão dos objetos enquanto sociotransmissores⁶ (CANDAU, 2009).

⁶ Por objetos sociotransmissores, conceito-chave a ser trabalhado no decorrer da pesquisa, Jöel Candau (2009) define como sendo “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes cérebro” e defende que “vários objetos desempenham um papel fundamental na sócio-transmissão” (CANDAU, 2009, p. 8).



Figura 2 - Objeto em performance
Fonte: MESSIAS, 2016.

A respeito da ação performática realizada pelo idoso durante o “Café Com Memórias”, mostrada na figura anterior, verificamos que o objeto atua no sujeito e vive-versa. Gonçalves nos ajuda a compreender a importância dessa relação a partir da seguinte concepção:

Ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? (2007, p. 219)

As observações feitas durante as ações do “Café Com Memórias” serviram para alertar-nos que o manuseio dos objetos e a encenação do uso destes pelos idosos podem contribuir para a potencialização da memória individual e coletiva. Para começar a analisar o processo, buscamos apoio interdisciplinar através de uma analogia ao estudo feito por Ulpiano Bezerra de Meneses (1996). Nele, Meneses cita o termo cunhado por Dittmar para compreender o papel da Psicologia nos estudos da cultura material e explica que a materialidade pode ser entendida enquanto uma extensão do corpo da pessoa, ou seja, como “extended-self” (DITTMAR apud MENESES, 1996).

Ao manipular um objeto com o qual existe uma forte relação identitária, os sujeitos estão evocando memórias e experimentando este enquanto uma extensão deles mesmos. Nesse aspecto, Meneses (1996) traz outra contribuição ao nosso estudo quando leva-nos a perceber que, nessa relação estabelecida entre os sujeitos e o objeto, eles estão percebendo o verdadeiro “Significado das Coisas” (CSIKSZENTMIHALYI; ROCHBERGHALTON apud MENESES, 1996). O verdadeiro “Significado das Coisas”, citado no estudo de Meneses (1996), dialoga com um dos conceitos chave da nossa pesquisa: a musealidade⁷ (STRÁNSKÝ, 1970; MAROEVIC, 1998).

Nessa toada, buscamos aporte teórico e trazer a discussão para o campo museológico para compreendermos o papel da Museologia enquanto uma ciência contemporânea. Ao concordamos com Chagas (1994), Scheiner (2008) e Brulon (2010), percebemos que:

[...] a Museologia só se justifica como área do conhecimento na medida em que se afasta da ideia e da imagem do museu-espaco-de-objetos, para entender os Museus para além dos seus limites físicos e o patrimônio nas suas dimensões material e não-material (SCHEINER, 2008, p. 40).

Percebemos também que, ao analisar a Museologia como ciência, não basta que ela amplie a possibilidade de trabalho com o patrimônio imaterial. Como consequência, é preciso ampliar o próprio conceito de museu e percebê-lo como fenômeno plural (SCHEINER, 2008), no qual não cabe uma postura unificadora (CHAGAS, 2000). Urge perceber os museus enquanto palco de performances (BRULON, 2012) que potencializem a transformação das comunidades em atores sociais (VARINE, 2008; 2013). Propomos então, no subcapítulo seguinte, através da imersão no escopo teórico da museologia, analisar a possibilidade de ampliação do conceito de museu proposto pelo ICOM (2007).

⁷ Segundo Brulon (2017), a musealidade, um conceito básico do pensamento museológico contemporâneo, faz-nos compreender a dimensão científica e social da Museologia. Tal conceito foi formulado pelo museólogo tcheco Zbynek Zbyslav Stránský (1926-2016) na década de 1970. Por musealidade, entende-se uma atribuição de valor dada às coisas da realidade por conta do seu caráter como representante do meio social. Em outros termos, musealidade é atribuição de valor que torna os objetos capazes de adentrar à cadeia operatória da musealização, ou, como define Stránský, *é o valor documental específico ou a busca pelo caráter das coisas* (apud BRULON, 2017). Esse conceito contribuiu para deslocar o objeto de estudo da museologia e fundamenta o nosso estudo, conforme discutiremos no capítulo seguinte.

Em nosso estudo de caso, a ser descrito no capítulo segundo, ressaltamos que, ao concordarmos com os aspectos elencados anteriormente, partimos da premissa de que o “Café Com Memórias”, um cenário efêmero que envolve o trabalho de memória de idosos (BOSI, 1994), pode ser considerado um museu.

1.2 Novos tempos: Novos Museus

Percebemos que o entendimento de museu não é algo unânime. Reiteramos, neste subcapítulo, o apoio ao pensamento de Varine (2010) quando critica a interpretação patrimonial executada de forma restrita aos curadores em museus ortodoxos. A necessidade de uma nova forma de pensar a preservação e a patrimonialização é alvo de discussão a partir de Cury e Vasconcellos (2012) ao tratarem do processo de musealização de artefatos indígenas em museus.

Em nossa pesquisa, iniciaremos a discussão sobre o tema a partir do conceito de museu trazido pelo ICOM. Ao buscarmos entender o conceito de museu, dentro de uma perspectiva ocidental e contemporânea, percebemos que o significado e a forma de atuação desses espaços institucionalizados sofreram inúmeras modificações ao longo do tempo. Na tentativa de conceituar o termo “museu”, o ICOM adota na mais recente atualização, como:

[...] uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (ICOM, 2007).

Apesar de o conceito de museu ter sofrido ampliação em 2007 e de ter sido alvo de discussão em comitês e conferências que tratam do patrimônio, dentre eles, no *International Committee for Museology* (doravante ICOFOM) e em seus desdobramentos, o ICOM (2007) continua limitando a existência dos museus aos espaços institucionalizados e permanentes. Cabe ressaltar que, nessa data, documentos norteadores, os quais ampliam a atuação dos museus e estimulam o protagonismo de atores sociais locais, já haviam sido produzidos.

Ao contrapormo-nos à concepção de museu do ICOM (2007), caminhamos ao encontro do pensamento de Tereza Scheiner (2005; 2008) e de Mario Chagas

(2007), uma vez que os autores concordam sobre a necessidade de analisar-se o museu a partir de sua ideia e dinâmica social, independente da existência em um espaço físico institucionalizado. Nesse ponto, nos apropriamos no que declara Tereza Scheiner para ressaltarmos que:

Inexiste, portanto, uma forma '*ideal*' de Museu, que possa ser utilizada em diferentes realidades: o Museu toma a forma possível em cada sociedade, sob a influência dos seus valores e representações, intrinsecamente vinculado às diferentes expressões do real (passado, presente ou devir), do tempo (duração), da memória (processo) e do pensamento humano (Homem como produtor de sentidos) (2005, p. 94).

Dessa forma, percebemos que, ao investigar o "Café Com Memórias" como um museu efêmero, estamos defendendo a ideia de um museu que, a partir da sua performance e independente da duração das suas ações e do espaço no qual elas acontecem, pode encontrar eco na sociedade, fato que comprovará a eficácia de sua ação museológica.

Sabemos que aceitar tais posicionamentos não faz parte do senso comum dos trabalhadores de museus. Reiteramos que, ao longo do nosso trabalho, percebemos resistências e estranhamentos ao defendermos a ideia de museu para além de um espaço físico institucionalizado. Na tentativa de entendermos o motivo de tal atitude por parte de estudiosos da área de museus, buscamos aporte em Scheiner (2008) e compreendemos que tal postura é decorrente da influência do pensamento ocidental para a formação dos museus. Sobre esse aspecto, a autora supracitada explica que:

[...] o Museu foi tradicionalmente compreendido na sociedade dita '*ocidental*' como instituição permanente – dedicado ao estudo, conservação, documentação e exibição de evidências materiais do homem e do seu ambiente (SCHEINER, 2008, p. 38).

A percepção da perpetuação dessa influência, na práxis museológica em museus em pleno Século XXI, originou o problema que determina a presente pesquisa. Ao elucidar as prováveis causas que levaram ao entendimento do museu enquanto uma instituição voltada à preservação de coleções, Scheiner afirma que:

Essa percepção limitada do Museu, como espaço físico de guarda de objetos, originou-se provavelmente no pensamento europeu do século 16 e

prolongou-se na literatura ocidental, a partir da ênfase dada à atividade colecionista pela sociedade do Renascimento (2008, p. 38).

Em contrapartida à percepção tradicional de museus, Scheiner analisa-os sob a perspectiva de um fenômeno. Ao adotar essa postura, a autora aproxima-se do conceito de fato museal cunhado por Guarnieri (1984) e também estudado por Cristina Bruno (2010). Nessa data, Bruno destaca que Waldísia Rússio Guarnieri (1984) entendia a aplicação do termo no contexto de um espaço institucionalizado. Para Guarnieri,

[...] o fato museal é a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir [...] relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu (GUARNIERI apud BRUNO, 2010, p. 204).

Com o passar do tempo, estudiosos da área, ao analisar o pensamento de Stránský (1970) e de Anna Gregorová (1980), perceberam que a própria Guarnieri já caminhava no sentido de perceber que a existência do fato museal não está restrita a um espaço institucionalizado. Desta forma, Chagas cita essa autora para ressaltar que

[a] possibilidade de ocorrência do fato museal fora do âmbito do museu-instituição, a rigor, não é uma novidade, **ainda que soe como heresia para muitas pessoas**. As exposições itinerantes, a apresentação de bens culturais pertencentes a museus em escolas, clubes, fábricas, praias, ruas, lojas, etc., são a prova definitiva de que o fato museal não está aprisionado no museu-instituição (1994, p. 53, grifo nosso).

Por tais aspectos, afastamo-nos da forma tradicional de pensar e de fazer os museus, por acreditarmos que

[n]ão é mais possível pensar assim o museu. Ou melhor, **não é mais possível pensá-lo somente assim**. E nem tratar os processos curatoriais – todos absolutamente legítimos e necessários, *em* determinadas realidades – sem, entretanto, definir que ideia de museu lhes serve de fundamento (SCHEINER, 2008, p. 38, grifo nosso).

Para demonstrarmos a concepção de museu em que acreditamos, ressaltamos a seguinte definição: **“Museu é, pois, um nome genérico que se dá a**

um conjunto de manifestações simbólicas humanas, em diferentes tempos e espaços” (SCHEINER, 2008, p 41, grifo nosso). Concordamos também que:

O que move os museus no tempo e lhes assegura a existência está muito além da presença de acervos, da excelência técnica ou do interesse dos públicos: **está na sua própria essência enquanto representação simbólica, e na sua intrínseca – e constante – capacidade de transformação** (SCHEINER, 2008, p.38, grifo nosso).

Falar em capacidade de transformação em museus remete-nos ao potencial comunicativo através do desenvolvimento do “olhar museológico”, termo cunhado por Mario Chagas (1994). Leva-nos também ao encontro da percepção da musealidade feita por Mensch (1994) enquanto cerne dos estudos da Museologia. Desde 1994, esse autor defende a ideia de que a musealidade é o resultado da vivência das pessoas. Ele ainda explica que as pessoas, ao compartilhar suas memórias, independentemente de espaços institucionalizados, contribuem para a construção de memórias coletivas.

Considerando as reflexões feitas até o momento, partimos das premissas de que, em primeiro lugar, existe uma performance museal⁸ (BRULON, 2012) baseada no protagonismo de idosos no “Café Com Memórias”. Reiteramos que, em nossa concepção, esse espaço de tempo efêmero é um potente agregador de memórias e de identidades sociais (POLLAK, 1992), que envolve a negociação de memórias por parte de moradores idosos da cidade de Morro Redondo (aspectos que foram estudados no capítulo segundo).

Ao concordarmos com Brulon (2012) e percebermos o museu como palco de atuação de atores sociais que legitimam memórias sociais, buscamos aproximar-nos da atuação das musas na concepção mitológica defendida por Tereza Scheiner (2008) para explicar a origem dos museus. Segundo a autora, a ideia de museu está relacionada à atuação das Musas e não ao espaço habitado por elas. Para ela,

[a]origem do Museu seria, assim, não o templo, mas as próprias musas – uma origem mítica, essencialmente ligada ao pensamento tradicional de uma Hélade arcaica, habitada por culturas ágrafas, e cujas matrizes se articulavam na interface entre pequenos agricultores e sociedade guerreiras (SCHEINER, 2008, p. 41)

⁸ A performance museal é um conceito estudado pelo museólogo Bruno Brulon (2012) e diz respeito à atuação dos atores sociais em benefício à legitimação das memórias negociadas nos museus.

A partir da concepção de Scheiner (2008), entendemos que pensar museu não está vinculado ao um espaço e sim a um trabalho em ressonância com as pessoas. Em nossa pesquisa, defendemos que esse trabalho, fruto de uma performance museal (BRULON, 2012) é desempenhado por idosos, em cenários efêmeros. Para aprofundar a nossa ideia, trouxemos, no próximo item, o resultado de pesquisas bibliográficas sobre os conceitos de musealidade e de performance museal.

1.3 A musealidade e a “performacidade”: Fomentadoras da vida artefactual

Os museus não podem ser mais meros repositores de objetos. Eles precisam ser instituições vivas, ativas e dinâmicas (LÉ VEILLÉ, 1948)

Neste subcapítulo, faremos um estudo do princípio da musealidade conforme Stránský (1970) e Maroevic (1998) e do conceito de performance museal segundo Schechner (apud BRULON, 2012). Partimos do entendimento de que eles estão preservando a vida do artefato e potencializando a transformação da informação em conhecimento útil para a sociedade (VARINE, 2008).

Compreendemos também que a descoberta de novas musealidades em decorrência da performance dos idosos foram fundamentais para que possamos analisar o “Café Com Memórias”. Esse fenômeno museológico, entendido como uma possibilidade de museu, tem como princípio para a aquisição de acervo as informações compartilhadas em rede durante as ações de socialização e as reações dos atores-sociais ao colocarem os objetos em performance.

Ao falar em performance museal, Richard Schechner, citado por Brulon (2012), entende que

[...] a performance não é a mera seleção de dados arrumados e interpretados; ela é o próprio comportamento e carrega nela mesma conteúdos originais, fazendo deles o objeto para interpretações mais profundas, a fonte do estudo mais fundo (SCHECHNER apud BRULON, 2012, p. 360).

Ao trazer a possibilidade de avaliar o “Café Com Memórias” enquanto palco de atuação da performance dos idosos, comungamos com a ideia de Brulon (2012)

ao defender que é através da performance dos atores-sociais que os públicos são convencidos da legitimidade das memórias negociadas. Através da performance, afirma Brulon (2012), é feita uma releitura do passado no presente, promovendo restaurações na cognição do passado, modificando a concepção de museu no espaço estudado. Diz o autor que:

Os significados nos museus atuam como laços que conectam as pessoas a outras pessoas, e pessoas ao seu fluxo de identidades do presente. Ao atuarem na restauração do passado, os museus produzem tais 'invenções verdadeiras' que permitem ao passado se "encaixar" ao presente, e vice-versa. Eles acomodam os restos, ao criarem novas pontes entre passado e presente. A ação do museu tem, assim, natureza regenerativa (BRULON, 2012).

Entendemos que a performance museal, ao promover a restauração do passado através da atuação dos atores sociais, contribui para o fortalecimento das memórias e identidades sociais. Além disso, proporciona a transformação do museu em um ente vivo e dinâmico, por considerar que "a natureza e a cultura são vivas, enquanto pertencem a uma população da qual constituem o patrimônio. Elas morrem muito depressa quando são apropriadas e codificadas por especialistas externos à população" (VARINE, 2013, p. 19).

Perceber que a cultura é viva e que há aspectos que merecem ser destacados remete-nos ao princípio da musealidade – termo cunhado por Stránský (1970) e estudado de forma aprofundada por vários autores, dentre eles Maroevic (1998) e Brulon (2012; 2017). Seguindo o pensamento stranskiano, a musealidade pode ser entendida como um valor documental específico, cujo entendimento e busca pelo caráter museal das coisas muda o objeto de estudo da Museologia enquanto ciência social, ao permitir que *a postura do homem em relação à realidade* possa vir a ser interpretada cientificamente (BRULON, 2017).

Ao contribuir com o tema em estudo, Ivo Maroevic (1998) ressalta a definição de musealidade cunhada por Stránský como sendo: "[...] esse aspecto da realidade que só podemos conhecer através de uma apresentação de um relacionamento entre homem e realidade" (STRÁNSKÝ *apud* MAROEVIC 1998, p. 130) e a interpreta como sendo uma "característica de algo em que uma realidade documenta outra" (STRÁNSKÝ *apud* MAROEVIC 1998, p. 130). Essa realidade passa a existir quando o objeto é capaz de ser um testemunho do tempo e das

relações sociais que originalmente existiam, configurando-se, assim, “juntamente com o meio ambiente, um documento vivo de um lugar histórico” (MAROÉVIC, 1998, p. 131).

Percebemos que, em seu estudo, Farjalla (2015) analisa também a contribuição da musealidade para a legitimação do patrimônio musealizado. A autora retoma o princípio da musealidade como causa inicial do processo de legitimação do patrimônio cultural e cita a análise feita por Mensch (2004) ao afirmar que Stránský entendia o princípio como sendo “os sentidos atribuídos aos objetos que são a causa do processo de musealização, ou que são o resultado desse processo” (FARJALLA, 2015, p.388-389).

Percebemos que Farjalla (2015) defende que a atribuição do valor ao objeto patrimonializado (que entendemos por musealidade) é uma ação que cabe ao campo museológico. Nesse ponto, e em decorrência das observações e entrevistas feitas durante o nosso estudo de caso, demonstraremos, ao longo do capítulo seguinte, que não são somente os especialistas os atores responsáveis pela determinação de novas musealidades e sim, também, os idosos, através de suas performances.

Achamos pertinente relacionar o papel dos idosos no “Café Com Memórias” com o desempenhado pelas Musas. Em relação à nossa ideia, fazemos uma analogia entre os idosos e Mnemosine – a divindade da memória que, conforme relato mitológico, originou as nove musas, como uma fonte de inspiração para o fortalecimento das memórias coletivas.

Tal como as Musas, que não eram as donas da verdade e sim as encantadoras e inspiradoras dos poetas, percebemos os idosos não como fiéis depositários de fontes históricas sobre o município de Morro Redondo, mas como os ativadores do olhar patrimonial. Ao fazermos uma analogia da performance dos idosos do “Café Com Memórias” enquanto preservadores de memórias com a atuação das Musas para na origem mitológica dos museus, concordamos que:

Nessa perspectiva, o nome das Musas é também o seu próprio ser: elas existem quando nomeadas e precisam ser nomeadas para que possam, com o seu canto, recriar o mundo. E o fazem em processo contínuo e com a atualidade de um viver contínuo, pois **a memória não tem começo nem fim, e nem implica em cronologia: ela é a experiência, apreendida e**

presentificada. Sem memória há o esquecimento, que equivale à morte (o não-ser) (SCHEINER, 2008, p. 41, grifo nosso).

Eis então o papel dos idosos do “Café Com Memórias”: recriadores do mundo. Em nossa concepção, o neurologista Ivan Izquierdo, ao definir memória como “o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências” (1989, p. 89), contribui para defendermos a importância do trabalho de memória desempenhado pelos idosos.

A figura a seguir demonstra um dos momentos nos quais os idosos servem como inspiradores e ativadores do olhar patrimonial, durante uma ação de sensibilização na Escola Municipal de Educação Infantil Darci Adam, localizada em Morro Redondo. A ação tratava sobre o saber-fazer do doce colonial.



Figura 3 – Narrativas memoriais sobre o saber-fazer do doce colonial.
Fonte: MESSIAS, 2018

Percebemos também que essa performance museal (BRULON, 2012) do “Café Com Memórias” dialoga com o conceito de “olhar museológico” e de “imaginação museal”, ambos cunhados por Mario Chagas em 1994 e 2007, respectivamente. A figura a seguir é capaz de representar a musealidade sendo despertada após ativação do olhar museológico (CHAGAS, 1994). Ao desempenhar o papel de mediador cultural, o tacho potencializa a imaginação museal (CHAGAS, 2007) e promove a interação da criança com a cultura. Ressaltamos que toda a ação aconteceu em virtude da narrativa memorial do idoso protagonista do “Café Com Memórias”.



Figura 4 - Objeto em dinâmica: Um mediador cultural.
Fonte: MESSIAS, 2018.

Por essa ótica, reiteramos a importância dos idosos para a potencialização da memória e da identidade social no município de Morro Redondo. No próximo capítulo, descreveremos o papel que esses atores sociais tiveram para o nascimento do MHMR e a contribuição deles para a perpetuação desse espaço de memória.

2 O PATRIMÔNIO MUSEALIZADO EM MORRO REDONDO/RS: OS IDOSOS E OS MUSEUS

Nesse capítulo, traremos, inicialmente, a contribuição dos idosos para a formação do MHMR. Analisaremos de que forma o colecionismo se mantém presente nesse contexto e demonstraremos a relação dos idosos com os objetos musealizados. Ao buscarmos as origens do MHMR, traremos a concepção inicial sobre esse espaço museológico, através da visão da historiadora Lisiane L. Manke (2004), moradora de Morro Redondo e uma das parceiras para concretização do desejo dos idosos.

2.1 Os idosos e o nascimento do Museu Histórico de Morro Redondo

“[...] é por meio de comunicação interativa e participação das comunidades envolvidas que o espírito do lugar é preservado e realçado da melhor forma possível” (ICOMOS, 2008).

Ao buscarmos conhecer o processo de criação do MHMR, recorremos, inicialmente, às pessoas que começaram a pensar nesta ideia. Durante um “Café Com Memórias”, realizado no Açoita Cavalo⁹, que contou com a participação de idosos da área urbana e da área rural do município, o Sr. Osmar Franchini destacou o seguinte:

Eu fui um dos idealizadores do Museu. Convidei o Ervino e o Sr. Antonio, meu tio. Assim como eu, eles gostavam muito de guardar suas coisas. A ideia surgiu quando estive no Espírito Santo e visitei um museu muito importante (informação verbal¹⁰).

Durante uma fala emocionada, o Sr. Osmar explicou:

Ao voltar para Morro Redondo, contei sobre a visita feita no museu. E na Rádio, no programa “Alô, alô, Morro Redondo”, apresentado por mim, comecei a falar sobre o museu que visitei e a perguntar: - Por que Morro Redondo não pode ter um museu também? Comecei a pedir objetos e aí, começou a “chover” objetos antigos. Mesmo assim, muita coisa se perdeu, muita coisa ainda foi vendida para ferro velho, mas muita coisa foi reunida. A gente criou o museu em 2006 (informação verbal¹¹).

Através desses relatos, percebemos que a criação do MHMR também se encontra relacionada com a ideia de colecionismo. É possível perceber ainda que os objetos, os quais fazem parte do acervo, pela forma como este foi formado,

⁹ O Açoita Cavalo corresponde a uma zona rural do município de Morro Redondo, que foi descrita no Inventário de Referências Culturais como a localidade que iniciou a tradição do fazer artesanal do doce colonial na Antiga Pelotas. O saber-fazer do doce colonial foi reconhecido pelo IPHAN, no dia 15 de maio de 2018, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Ao realizar um “Café Com Memórias” itinerante, fora do espaço central, além de concretizar uma proposta inicial dos idosos, tivemos a oportunidade de observar que o reconhecimento de corriqueiro, como do doce artesanal enquanto um patrimônio brasileiro não é consensual. Percebemos que as doceiras artesanais, na parte inicial da ação, não entendiam a importância de tal reconhecimento.

¹⁰ Relato proferido durante o “Café Com Memórias” realizado no Açoita Cavalo em 03 de maio de 2018.

¹¹ Relato proferido durante o “Café Com Memórias” realizado no Açoita Cavalo em 03 de maio de 2018.

possuem uma estreita relação identitária com os moradores locais e representam o princípio da musealidade.

Entendemos que, ao formar as coleções, os doadores atribuíram valor aos objetos por conhecer o seu significado simbólico. Nesse momento de escolha, remetemo-nos à origem mitológica dos museus e, por analogia, defendemos que o olhar das Musas inspiradoras dos poetas e empreendedores fazia-se presente no desejo de criação desses abrigos de memória.

A leitura de depoimentos registrados no Livro de Visitas do museu indica esta relação identitária e descreve narrativas memoriais de época, com as quais alguns visitantes demonstraram sentir-se conectados ao tempo em que conviviam com os avós. Essa relação identitária e afetiva dos idosos e dos visitantes com o acervo do MHMR, por representar o significado que a temática rural tem para a coletividade local, pode ser compreendida através de Ferreira, Gastaud e Ribeiro (2013) ao explicarem a relação das pessoas com o acervo do Museu Gruppelli – um museu que representa a mesma temática. Os autores explicam que

as relações que se estabelecem entre uma comunidade rural e seu museu, abordado aqui como um palco de representação de memórias e significados que formatam um discurso local de busca pelo reconhecimento através de um acervo que interpõe narrativas analisadas aqui a partir da ideia de emoção patrimonial e de lugar de memória (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013, p. 57).

Em relação ao processo de criação do MHMR e do Museu Gruppelli, descrito anteriormente, percebemos que os relatos memoriais dos três fundadores – Sr. Osmar Franchini, Sr. Antonio Reinhardt e Sr. Ervino Büttow – indicam aspectos comuns. Ao ser interpelado sobre o tema, o Sr. Antonio Reinhardt relatou que:

A história é tão grande que eu não consigo mais contar direito. Mas, eu fui um dos pioneiros do Museu, junto com o Büttow e o Osmar Franchini. Muita gente ajudou a juntar essas coisas aqui (informação verbal¹²).

Ressaltamos que compreendemos o depoimento do Sr. Antonio Reinhardt como o primeiro olhar que faz com que os objetos sejam usados como documentos de uma dada realidade. É esse olhar sensível que Chagas (1994) definiu como olhar

¹² Entrevista concedida a Andréa C. Messias, no MHMH, em 01 de junho de 2018.

museológico, capaz de selecionar recortes do real para fins de representação. Sobre esse aspecto, Ferreira, Gastaud e Ribeiro (2013) explicam que aquelas coisas vistas aparentemente como banalidades, ao serem olhadas e selecionadas, passam a compor um acervo. Os autores ressaltam que esta transformação de coisa para documento é o que convencionamos chamar de processos de musealização, que tem como antecedente a musealidade. Em outros termos: é a expressão da vontade de memória.

O segundo fundador do MHMR, o Sr. Ervino Büttow, ao comunicar suas narrativas memoriais sobre a criação do museu a um grupo de visitantes da Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (doravante AAPECAN), de Pelotas - RS, o qual foi conhecer o local, explicou:

Desde criança, eu sempre gostei de juntar coisas. Quando o Osmar me chamou, gostei da ideia e trouxe muita coisa pra cá. Sempre saí comprando coisas antigas, pedindo aos amigos e guardando tudo o que eu achava jogado por aí (informação verbal¹³).

O Sr. Ervino Büttow também esclareceu que:

As pessoas sabem que eu gosto de coisas antigas e costumam deixar objetos na porta da minha casa ou aqui na porta do museu também. Muitas vezes, eu nem sei quem deixou. Na minha casa, tenho muito mais objetos do que tem aqui no museu. Mas o espaço é pequeno, não dá para colocar tanta coisa linda que podia estar aqui (informação verbal¹⁴).

Percebemos que, para o Sr. Ervino Büttow, os objetos são companheiros emocionais, tal como define Dohmann:

Objetos ou coisas sempre remetem a lembranças de pessoas ou lugares, de uma simples fotografia até um marco arquitetural. Ao proporcionar a conexão com o mundo, os objetos mostram-se companheiros emocionais e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos e histórias, além de provocarem constantemente novas ideias (2013, p. 33).

A análise das narrativas do Sr. Ervino Büttow nos permite observar o sentido mnésico dos objetos, fruto do olhar museológico (CHAGAS, 1994), e deslocá-lo para um lugar convencionado no qual preservar é mais do que coletar coisas, é formar patrimônios que dão sentido à sua própria vida. Nesse caso, o patrimônio é vital, assim como o museu, independentemente do lugar-museu. Ao dialogar com o grupo

¹³ Mediação espontânea feita em 26 de Julho de 2017.

¹⁴ Mediação espontânea feita em 26 de Julho de 2017.

de visitantes da AAPECAN sobre a biografia dos objetos¹⁵, o Sr. Ervino Büttow enfatizou a opinião dele sobre a importância das coleções museológicas do MHMR:

Fico muito contente ao ouvir vocês apontarem para os objetos e falarem: “- Que interessante, ver tudo isso! Voltei ao passado! Lembro que esses aqui a minha avó **“tinha”**”. Fico ainda mais feliz por saber que, enquanto todos vocês **“tinham”** o objeto, o Museu aqui **“tem”**. (informação verbal¹⁶, grifo nosso).

As narrativas do Sr. Ervino podem ser analisadas também ao fazemos uma analogia ao estudo de Gonçalves (2013) sobre o papel do colecionismo para a formação de patrimônios. Ao defender o seu posicionamento, o autor afirma que, modernamente, os patrimônios “podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, apropriados e expostos por determinados grupos sociais” (GONÇALVES, 2013, p. 22). Dessa maneira, percebemos que podemos utilizar o posicionamento adotado por Gonçalves (2013) para fundamentarmos a nossa pesquisa na medida em que enfatizamos a ideia dos idosos como ativadores do olhar patrimonial e formador das coleções do Museu Histórico.



Figura 5 - Grupo da AAPECAN – Pelotas na entrada do MHMR.
Fonte: Acervo do MHMR, 2017.

Na figura 5, os idosos estão na parte posterior da imagem. Da esquerda para direita, identificamos o Sr. Evaldo Thiel - um dos protagonistas do “Café Com Memórias” - ao lado dos demais participantes e também fundadores do MHMR, o Sr.

¹⁵ A biografia dos objetos é um conceito sistematizado por Kopytoff (2008) ao pensar sociologicamente a respeito da história de vida dos objetos. Para maiores informações, buscar: KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 89-121.

¹⁶ Anotações da observação participante realizada no dia 26 de Julho de 2017.

Ervino Büttow, o Sr. Osmar Franchini e o Sr. Antônio Reinhard. Através da observação participante que realizamos durante essa visita do grupo da AAPECAN em 2017, percebemos os idosos em performance no momento em que acolhiam os visitantes, dialogavam sobre o significado simbólico das coleções, demonstravam os usos de objetos de interesse do público.

A origem do MHMR é explicada também pela historiadora morrorredondense Lisiane Sias Manke em 2004. A pesquisadora expõe que a intenção era criar um museu comunitário no município para que representantes materiais e imateriais de significação da história local pudessem ser preservados. Ao criticar a concepção europeizada de museu, Manke (2004) explica o posicionamento adotado para a formação do atual acervo do MHMR ao ressaltar que:

O museu é o espaço coletivo onde se reúne o que é de todos para o benefício e fruição de todos. É a comunidade quem decide o que se deve e o que lhe interessa conservar, o que é importante que perdure para conhecimento das novas gerações (MANKE, 2004, p.239).

Manke também explica que:

A partir desse princípio, o museu torna-se um instrumento provocador de mudanças com vistas ao desenvolvimento social. Organiza suas atividades baseado nos problemas e demandas da sociedade e, assim, assume a responsabilidade para com esta (2004, p. 239).

Ao elucidar os objetivos da criação de um museu em Morro Redondo, Manke (2004) informa que a preservação da memória histórica se daria através de processos educativos coletivos que resultassem na exposição, no inventário e na documentação de objetos de uso cotidiano capazes de representar elementos culturais e identitários do município, além de contribuir para o exercício da cidadania.

Sobre as coleções do museu histórico, vale ressaltar que elas estão salvaguardadas na sede da instituição, localizada à Avenida Jacarandá, número 153, ao lado do Centro de Cultura da Cidade. Essas coleções são organizadas em nichos temáticos que promovem a reflexão acerca das transformações culturais ocorridas ao longo do tempo.

Em 2008, por iniciativa do Sr. Antonio Reinhardt e de uma comissão de moradores interessados, foi criada a Associação Amigos da Cultura. Com a posse do Sr. Antonio Reinhardt, eleito como presidente, a Associação passou a responder juridicamente pelo museu.

Para conseguir apoio técnico e científico nas ações museográficas, a Associação, buscou, em 2009, a Universidade Federal de Pelotas no âmbito do Bacharelado em Museologia. A partir deste acordo, surge o Projeto de Extensão “Museu Morrorredondense: Espaço de Memória e Identidades”, sob a coordenação da docente Nóris Mara Pacheco Leal. Cabe ressaltar que, segundo o acordo, foi acordado, em consonância com o poder público municipal, que as despesas com a alimentação e o transporte dos voluntários para os plantões semanais ficaram a cargo da prefeitura municipal.

Em 2010, em decorrência de negociação feita com o poder público municipal, o Museu foi municipalizado (vide anexo 1 - Lei 1.150/2010). No seu artigo 1º, a Lei 1.150/2010 informa que o Museu destina-se a

salvaguardar elementos da fauna e da flora do município, indumentárias dos povoadores e colonizadores pioneiros, elementos e peças dos minerais extraídos do solo, peças de arte de qualquer origem, e a colecionar e selecionar matérias e informações relativos ao estado e ao País, formando acervo destinado ao incentivo da cultura em geral (Lei Municipal nº 1.150/2010).

Pelo acordo, feito com o poder público municipal, a gestão do museu seria compartilhada com a Associação Amigos da Cultura. Com o fim do convênio com a Universidade Federal de Pelotas, o Museu passou um tempo inativo. Após reativação da parceria, em dezembro de 2013, o projeto de extensão anteriormente mencionado, já sob a coordenação do docente Diego Lemos Ribeiro, passou a atuar intensamente na comunicação do acervo, na revitalização das exposições e na reaproximação dos públicos com o museu.

Em 2016, o regimento interno do MHMR foi aprovado. O processo de elaboração da minuta contou com a participação popular incentivada pela Associação Amigos da Cultura, na presidência do Sr. Lauro Rodrigues, e pelo projeto de extensão. No artigo, segundo do regimento interno, votou-se como missão do MHMR:

promover a reflexão, observação e interação das diversas parcelas da sociedade com o patrimônio cultural do município, com ênfase na sua história e memória, através da seleção, preservação e comunicação dos bens culturais de interesse público confiados à guarda, enfatizando o valor

educativo, turístico e social da instituição, ancorada na perspectiva da diversidade e da multiculturalidade (Regimento Interno do MHMR, 2016).

Percebemos que, ao longo da biografia do MHMR, o estímulo à participação das comunidades sempre esteve presente, assim como o protagonismo dos idosos. Sobre esse último aspecto, o estudo de caso, descrito a seguir, demonstra de que forma os idosos, ao realizarem um trabalho de memória em cenários efêmeros, passaram a contribuir de forma ainda mais intensa para o fortalecimento da memória coletiva e da identidade social local.

2.2 Estudo de caso: O “Café Com Memórias” como um museu efêmero

No presente item, descreveremos de que forma a ideia do “Café Com Memórias” surgiu e como a performance museal contribui para a descoberta de novas musealidades em um modelo efêmero de museu protagonizado por idosos. Os resultados trazidos justificarão que a efemeridade do “Café Com Memórias” diz respeito aos cenários nos quais as ações aconteceram e que definem o seu caráter camaleônico, conforme a concepção de Lontrão (2011). Relaciona-se também ao aspecto dinâmico e fluido que os museus podem ter, uma vez que existe a possibilidade de eles existirem em qualquer lugar e a qualquer tempo tal como defende Scheiner (2008) ao tratar o museu enquanto um processo.

Ao final do estudo de caso, demonstraremos de que forma as ações do “Café Com Memórias” reverberam no MHMR e como contribuem para a descoberta de novas musealidades que podem servir de estímulo ao desenvolvimento do turismo rural no município.

2.2.1 O nascimento do “Café Com Memórias”: a percepção e a atuação como um museu efêmero

No decorrer do capítulo, adentraremos de forma mais aprofundada no nosso estudo de caso, “O ‘Café Com Memórias’ como um museu efêmero”. Demonstraremos de que forma a ideia do “Café com Memórias” foi concebida, bem

como discutiremos os motivos que nos levaram a percebê-lo como um museu efêmero e descreveremos sua forma de atuação.

Antes de explicarmos como pensamos na ideia do museu efêmero, é conveniente descrever o nascimento do “Café Com Memórias”. Para isso, recorremos ao relatório de trabalho realizado no MHMR no dia 13 de junho de 2015, momento no qual houve uma reunião entre membros da Associação Amigos da Cultura, do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), representantes do poder público municipal, do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), educadores e pessoas das comunidades para que fosse explicado um esboço do trabalho envolvendo o museu e o público da terceira idade.

Vale ressaltar que o MHMR, mesmo tendo sido municipalizado, permanece com as características originais em relação à manutenção de uma gestão compartilhada. Dessa forma, houve uma reunião para apresentar o esboço de trabalho envolvendo o museu e o público da terceira idade, na qual o esboço foi apresentado, comentado e votado pelos membros da Associação Amigos da Cultura, do poder público municipal e de representantes da sociedade civil.

O relatório de trabalho apresentado ao coordenador do projeto de extensão descreve que:

Antes do início da reunião, a pauta proposta foi lida para o Presidente da Associação Amigos da Cultura, o Sr. Lauro Rodrigues. Ao tomar conhecimento das possíveis atividades, ele demonstrou muito interesse no assunto e relatou que a mãe dele tinha uma proposta semelhante, mas que nunca fora concretizada (MESSIAS; GAVAZZI, 2015, p.).

No decorrer da conversa, o Sr. Lauro Rodrigues informou que

recebera, como herança materna, uma área para ser destinada à construção de um espaço de convivência de idosos – algo que não funcionasse como um asilo e sim como um centro de convivência. Ele solicitou um resumo por escrito da proposta de ação (MESSIAS; GAVAZZI, 2015)

Com a chegada dos demais participantes na reunião, foi explicado

o esboço de ações envolvendo o museu e o público idoso, todos os presentes reagiram muito bem. A senhora Daiane Piske (Secretária do Conselho Municipal de Idosos) solicitou o envio do resumo do esboço bem

como uma sugestão de questionário a ser aplicado com os familiares e com os cuidadores de idosos. Ficamos de enviá-la por e-mail (MESSIAS; GAVAZZI, 2015).

Uma proposta interessante foi feita pelo Sr. Evaldo Thiel, diretor do Conselho Municipal de Idosos. Em sua fala, Sr. Evaldo “sugeriu que as ações acontecessem de forma itinerante para favorecer idosos da zona rural que não tinham condições físicas de chegar até o MHMR” (MESSIAS; GAVAZZI, 2015).

A reunião foi muito produtiva. Após discussões iniciais sobre o esboço apresentado pelas voluntárias do projeto de extensão,

os presentes sugeriram que fosse feito um café nas casas dos idosos no qual o grupo veria as fotografias familiares e conversaria sobre eventos presentes na memória dos participantes. Já queriam expandir a atividade e convidar um grande número de idosos (cerca de 1500 pessoas). Como ficamos assustadas com a empolgação deles, solicitamos cautela e sugerimos começar com a execução de atividades simples e pequenas (MESSIAS; GAVAZZI, 2015).

A partir do exposto, podemos perceber que o esboço inicial de um trabalho com idosos em Morro Redondo surgiu no âmbito do Bacharelado em Museologia da UFPEL e de suas atividades extensionistas, mas que a concretização das ações e a definição da forma de ação partiu do desejo dos atores sociais locais. Em relação a isso cabe ressaltar que “[a] Professora da rede municipal de ensino, Valéria Feldens, sugeriu que ao longo da semana todos pensassem a respeito de propostas para viabilizar o evento, cujo nome indicado por ela e, após votação, ficou sendo “Café Com Memórias” (MESSIAS; GAVAZZI, 2015).

A partir desse ponto, coube aos voluntários e ao coordenador do Projeto de Extensão apenas apoiar as ações do “Café Com Memórias”. Por decisão do grupo de idosos, ficou acordado que as ações aconteceriam na segunda sexta-feira de cada mês, pois, neste dia, eles não realizavam outras atividades em grupo no município.

Os participantes da reunião decidiram que, a cada evento interno do “Café Com Memórias”, buscariam objetos no MHMR para que, através deles, iniciassem as narrativas memoriais, fato interpretado na teoria que estudamos em relação ao poder evocador dos objetos como sociotransmissores (CANDAU, 2009). Todos os presentes concordaram que os encontros terminariam com a degustação de um

café, uma bandinha e um pequeno baile de forma a recordarem os bons tempos dos salões no município.

As ações descritas corroboram para que pensássemos o “Café Com Memórias” como um museu que corresponde à concepção defendida por Tereza Scheiner (2008). Ao concordarmos com a autora e com os idosos, ressaltamos que o “Café Com Memórias” pode ser concebido como a essência do museu:

a criatividade, a espontaneidade, a tradição oral. **A origem do Museu não está, portanto, sujeito a um lugar específico**, nem a um conjunto específico de referências: **ele é fato dinâmico, eternamente a conjugar memória, tempo e poder, recriando-se continuamente para ‘seduzir o visitante pela sua voz’** (SCHEINER, 2008, p. 43, grifo nosso)

As características dinâmicas do “Café Com Memórias” aproximam-no também do conceito de museu efêmero cunhado por Lontrão (2011):

O conceito de *Museu Efêmero* será então apresentado. Mostrando-se adaptável e nômada, revelará através da sua aparência física o seu carácter camaliônico. Pretende-se apresentar um formato vanguardista, [...] oferecendo-se a malha urbana como palco e espaço de uma apresentação museológica com a exposição de soluções efêmeras na aparência mas não na mensagem. Intenta-se assim, ganhar a atenção de olhares mais curiosos, transmitindo História através da atribuição de valor patrimonial ao espaço público. (LONTRÃO, 2011, p. 9).

Percebemos que o caráter orgânico, camaleônico do “Café Com Memórias”, em relação ao seu cenário, dialoga com a concepção de museu efêmero proposta por Lontrão (2011). A diferença entre estas classificações científicas de museu encontra-se nos objetivos, na metodologia, nos atores sociais e no contexto da pesquisa. Enquanto Lontrão (2011) questiona se a arte perderá o seu caráter quando exposta na rua, na presente pesquisa, questionamos se a performance dos idosos no “Café Com Memórias” é capaz de potencializar novas musealidades e de contribuir para a preservação do patrimônio apropriado pelos sujeitos.

Observamos indícios, a partir de ações do “Café Com Memórias”, de que houve um fortalecimento da memória individual e coletiva, bem como atentamos à forma como elas contribuem para a potencialização da memória e da identidade social em Morro Redondo. Ressaltamos que o caráter efêmero do “Café Com Memórias” diz respeito aos processos dinâmicos e aos cenários nos quais ele acontece. O efêmero não deve ser avaliado pela fugacidade das ações, pela

duração do seu tempo, mas pela potência dos efeitos que são gerados – esses, sim, permanecem em longo prazo.

Indícios acerca do efeito duradouro das ações do “Café Com Memórias” sob a memória dos idosos podem ser observados também nos resultados das entrevistas semiestruturadas disponibilizadas ao longo do estudo de caso. Além disso, o papel da emoção sobre a consolidação da memória individual pode ser comprovado através dos estudos científicos feitos pelo neurocientista Ivan Izquierdo ao longo da sua carreira. Sobre esse tema, o neurocientista afirma que: **“As memórias adquiridas em estado de alerta e com certa carga emocional ou afetiva são melhor lembradas** que as memórias de fatos inexpressivos ou adquiridas em estados de sonolência” (IZQUIERDO, 1989, p. 97, grifo nosso).

Dessa maneira, entendemos que o “Café Com Memórias” atua em um cenário museal vivo, dinâmico e fluído que, embora efêmero na temporalidade, produz efeitos duradouros no tecido social, em decorrência da emoção que suas ações comunicativas provocam. Essas ações são baseadas no trabalho de memória com os idosos (BOSI, 1994).

O trabalho de memória dos idosos resulta do protagonismo deles em relação aos cenários que servem de palco para a atuação do “Café Com Memórias”. Nesse sentido, compreendemos que a performance museal pode contribuir “para uma melhor compreensão da realidade social e histórica em que os atores (sociais ou teatrais) estão inseridos” (BRULON, 2012, p. 157). Brulon cita Turner (1982) para explicar que as performances propiciam um *exercício de si mesmo* no meio social.

Esse *exercício de si mesmo* no meio social, citado por Brulon (2012), pode ser compreendido através do estudo do fato museal e colabora para a descoberta de novas musealidades durante as ações do “Café Com Memórias”. Tais aspectos contribuem para a relação entre os sujeitos e objetos e para a manutenção da vida artefactual nos museus.

Percebemos que novas musealidades são descobertas no “Café Com Memórias” durante as caminhadas, pela cidade, feitas por idosos e crianças. Sobre ao momento da descoberta das musealidades e o efeito delas nos alunos, a Professora Rutilde K. Feldens revelou que, no dia posterior às ações, eles chegavam à aula

narrando suas descobertas sobre como era a vida nos tempos passados, como eram os brinquedos, as brincadeiras, como eram os lugares onde hoje é praça, comércio, casas... Comentavam que antes da caminhada com os idosos passavam por ali sem perceber e hoje o olhar deles é diferente. Agora elas sabem a história das casas e dos cenários visitados (informação verbal¹⁷).

Podemos entender o efeito das narrativas memoriais para a descoberta de novas musealidades, através do estudo feito por Ecléa Bosi (2003) sobre cenários na cidade de São Paulo. A autora demonstra que:

Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. [...] Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos (BOSI, 2003, p. 204).

Compreendemos a contribuição da musealidade, da efemeridade e da performance museal (BRULON, 2012) para a fundamentação da nossa concepção do “Café Com Memórias” como museu efêmero a partir do seguinte esquema:

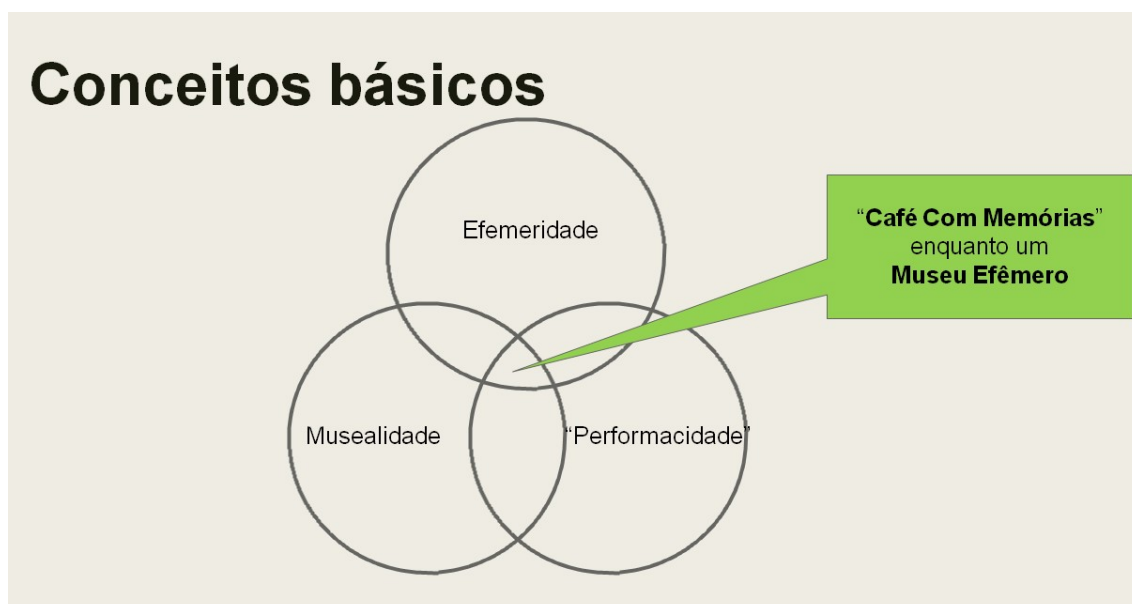


Figura 6 – Esquema conceitual do “Café Com Memórias”
Fonte: MESSIAS, 2018.

¹⁷ Entrevista concedida a Andréa Messias em 06 de junho de 2018.

Baseando-nos neste esquema, entendemos o “Café Com Memórias” como a tríade entre os conceitos de efemeridade, musealidade e “performacidade” - neologismo criado para referir-nos à performance museal (BRULON, 2012). Ao colocarmos o “Café Com Memórias” no intercruzamento entre os três conceitos mencionados, ressaltamos que ele é analisado como museu efêmero a partir de uma lente trifocal.

Neste momento, reiteramos a possibilidade de concebermos o “Café Com Memórias” não como uma instituição, mas como um

fenômeno, como algo que se dá em processo, essencialmente vinculado à dinâmica dos processos culturais. E compreender que, como fenômeno, se manifesta e se faz presente na experiência humana de diferentes maneiras: o Museu se dá na pluralidade (SCHEINER, 2008, p. 43).

Potencializar a pluralidade de experiências humanas em Morro Redondo é algo que temos observado no “Café Com Memórias” tanto nas ações que envolvem somente os idosos quanto em caminhadas pela cidade e em rodas de conversas que envolvem, também, crianças matriculadas nas duas redes de ensino existentes no município.

Em relação ao desenvolvimento das ações, o “Café Com Memórias” atua como um espaço de criação, tal qual uma obra-aberta, inacabada (BRULON, 2012), capaz de ser reinventado a cada episódio de atuação pela cidade – perspectiva esta que reforça a percepção do fenômeno como uma possibilidade de museu. Entendemos que a base do “Café Com Memórias” encontra-se na espontaneidade dos idosos, uma vez que, sem a criação deles, não há museu.

O entendimento do “Café Com Memórias” enquanto obra-aberta remete ao conceito formulado por Umberto Eco (1976) ao interpretar criticamente a arte do século XX, sendo algumas produções de Lygia Clark (1964) objetos de sua análise. Em 1976, U-Eco defendeu suas ideias para explicar que a obra só se concretiza a partir da ação de cada pessoa.

Observamos que o protagonismo dos idosos permitiu-nos perceber que o “Café Com Memórias” atua como uma obra-aberta. A organicidade das ações demonstrou que tudo acontece de forma muito espontânea e fluída. As narrativas memoriais contribuíram para o entendimento dos idosos como agregadores de

memórias coletivas e de identidades sociais – aspectos que serão discutidos no item seguinte.

2.2.2 Os idosos no “Café Com Memórias”: Agregadores de memórias coletivas e de identidades sociais

“A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere” (BOSI, 2003).

Neste momento da nossa pesquisa, demonstraremos as ações nas quais os idosos protagonistas do “Café Com Memórias” agem como agregadores de memórias e identidades ao colocar objetos e cenários da cidade em performance. Essas performances acontecem durante as atividades de socialização com outros idosos e também em caminhadas que envolvem a participação de crianças.

Através dos depoimentos coletados durante as entrevistas semiestruturadas e das observações em campo, analisaremos os indícios que as atividades realizadas no “Café Com Memórias” promovem nos participantes. Os relatos obtidos corroboram para a confirmação das nossas hipóteses e elucidam que o caráter duradouro das ações decorre do envolvimento da emoção que potencializa a fixação das memórias (IZQUIERDO, 1989).

O papel de idosos enquanto agregadores de memórias coletivas e de identidades sociais é bastante reconhecido na literatura científica. Segundo Michael Pollak (1992), a memória individual e a memória social são modeladas através de uma relação de dupla troca. Segundo Pollack (1992), esse processo de construção de memória coletiva/social só acontece quando há um forte sentimento identitário com o grupo no qual o indivíduo pertence.

Outra grande contribuição para que possamos compreender o papel dos idosos do “Café Com Memórias” como agregadores de memórias coletivas é dada por Ecléa Bosi (1994) ao estudar a memória dos idosos e o potencial de trabalho dela. Ancorada na Psicologia Social, Bosi (1994) conseguiu demonstrar que uma memória pessoal também pode ser uma memória social, familiar e grupal em decorrência do entrecruzamento dos modos de ser das pessoas com a sua própria cultura.

Encontramos, em Marilena Chauí (1994), uma citação que fundamenta os efeitos positivos que a escuta de narrativas de idosos pode proporcionar. Ao escrever o prefácio do livro “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, de autoria de Bosi (1994), Chauí cita a própria fala de Bosi durante a defesa da sua tese na Universidade de São Paulo, na qual declara que “[o] velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele” (CHAUÍ, 1994, p. 18). Ao participar da avaliação de estudos realizados por Ecléa Bosi (1994), Chauí (1994) demonstra a importância da escuta como um trabalho de luta pelos idosos em uma sociedade os oprime, sufoca, marginaliza e os reduz a meros repetidores de histórias monótonas; aspectos que demonstram a relevância do “Café Com Memórias”.

Em nosso estudo empírico, para compreendermos a atuação do “Café Com Memórias” e os indícios das contribuições para a memória social, optamos por entrevistar os idosos mais assíduos no “Café Com Memórias”. Nossa escolha foi apoiada em Duarte (2002), o qual, ao citar Bott (1976), explica que as informações dessas pessoas, funcionam, no “sistema de rede”, como ponto de partida através do qual o comportamento do grupo pode começar a ser analisado. Segundo citação de Duarte,

[...] a rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato (2002, p. 299). [...] Trata-se, aqui, de uma “rede pessoal” na qual existe um ego focal que está em contato direto ou indireto (através de seus inter-relacionamentos) com qualquer outra pessoa situada dentro da rede (2002, p. 143)

Duarte explica, também, que:

De um modo geral, as pessoas indicadas pelo “ego” sugerem que se procurem outras ou fazem referência a sujeitos importantes no setor e assim se vai, sucessivamente, amealhando novos “informantes”. Essa é uma alternativa muito utilizada em pesquisas qualitativas e se tem mostrado produtiva. Alguém do meio, a partir do próprio ponto de vista, tem, relativamente, melhores condições de fornecer informações sobre esse meio do que alguém que observa, inicialmente de fora. (2002, p. 142-143).

Dessa forma, compreendemos que, a título de um estudo preliminar, as percepções colhidas com os idosos mais assíduos do “Café Com Memórias” mostram-se suficientes para caracterizar o fenômeno museológico estudado e para demonstrar a contribuição do trabalho.

No nosso estudo atual, como subsídio à observação participante, metodologia de trabalho que utilizamos, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas com os idosos, a fim de analisarmos as percepções deles sobre o fenômeno museológico em estudo (vide questões no apêndice). Durante as entrevistas, ao serem questionados sobre a importância do “Café Com Memórias” para a preservação da história do município, os idosos relataram que os diálogos, que acontecem entre eles próprios e entre eles e as crianças, contribuem para que mais pessoas conheçam fatos e locais da região, bem como apreendam sobre o uso que determinados espaços tiveram em tempos passados. A importância da linguagem, neste contexto, pode ser explicada por Pomian:

É a linguagem que engendra o invisível. Fá-lo porque permite aos indivíduos comunicarem reciprocamente os seus fantasmas, e transformar assim num facto social a íntima convicção de ter tido um contacto com algo que jamais se encontra no campo do visível. Sobretudo, a linguagem permite falar dos mortos como se estivessem vivos, dos acontecimentos passados como se fossem presentes, do longínquo como se fosse próximo, e do escondido como se fosse manifesto. A necessidade de assegurar a comunicação linguística entre as gerações seguintes acaba por transmitir aos jovens o saber dos velhos, isto é, todo um conjunto de enunciados que falam daquilo que os jovens nunca viram e que talvez jamais verão” (1984, p. 68, grifo nosso).

Nesse ponto da entrevista, os idosos citaram a importância das “Caminhadas da Percepção” (vide Figura 7), pois, através delas, já contaram para crianças e outros visitantes a história sobre o tanque na Praça da Emancipação, a sociedades de bailes, a fábrica de fumo, a Escola Brasil, a primeira sala de aula, a construção da Igreja Luterana, além da história acerca da utilização da Praça Doze de Maio pelos tropeiros.

No nosso entender, ao utilizarem esses cenários para exemplificar as histórias do município, os idosos estão demonstrando o valor simbólico destes e contribuindo para a descoberta de novas musealidades. No momento em que a interação com as crianças é intensificada, o olhar patrimonial é ativado pelo *espírito do lugar* (Declaração de Québec¹⁸, 2008).

¹⁸ A Declaração de Québec, durante a 16ª Assembleia Geral do ICOMOS e do aniversário de 400 anos da fundação de Québec em 2008. Os participantes assumem na Declaração, princípios e recomendações para a preservação do *spiritu loci* através da proteção do patrimônio tangível e intangível, considerado uma forma inovadora e eficiente de assegurar o desenvolvimento sustentável

A partir das narrativas memoriais dos idosos, durante as caminhadas pela cidade, um novo cenário passa a surgir no imaginário das crianças. Ao compreenderem as transformações ocorridas com o tempo, elas participaram ativamente das ações, questionando os idosos sobre os costumes e o modo de vida da época das narrativas.



Figura 7- “Caminhada da Percepção” pelos arredores do MHMR.
Fonte: MESSIAS, 2017.

Nessa ação, os idosos, ao aproximar-se da geração mais nova, impulsionaram e construíram metamemórias (CANDAU, 2009). Destacamos que, nesse caso, a memória formada, diferente de uma memória fraca, é uma memória reivindicada. Ela exemplifica a fronteira entre a memória e o patrimônio, por representar o uso político da memória, aspectos que contribuem ativamente para a preservação patrimonial. Em nosso cenário de pesquisa, a criação de metamemórias é crucial para a manutenção do efeito duradouro do “Café Com Memórias” e para potencializar a edificação das identidades sociais.

Durante os estudos bibliográficos, buscamos experiências semelhantes às da “Caminhada da Percepção”. Deparamo-nos com o relato feito por Varine (2013), ao descrever um hábito que ele possui: “Meu método favorito consiste em tomar conhecimento de uma região, percorrendo-a a pé, com os habitantes, que utilizo como uma espécie de guias, e fazendo-os falar de seu patrimônio” (VARINE, 2013, p. 35).

Sobre o potencial da ação vivenciada, Varine descreve que: “É fascinante constatar que essa solicitação da minha parte leva quase automaticamente a um encadeamento de lembranças, reflexões, **reivindicações, proposições, que resultam em um engajamento pessoal e frequentemente coletivo**” (2013, p. 35, grifo nosso).

Percebemos que Varine (2013), ao referir-se às reivindicações dos atores sociais, dialoga com o conceito de metamemória (CANDAU, 2009), com o qual trabalhamos anteriormente. Ressaltamos que é esta mediação entre os sujeitos e a paisagem que delinea e oferece sentido ao *espírito do lugar* (Declaração de Québec, 2008). O *espírito do lugar* é a comunhão dos sujeitos com os objetos, mediados pelo cenário temporalmente circunscrito e culturalmente condicionado e tem o sentido análogo ao fato museal (GUARNIERI, 1980).

Salientamos que, na experiência vivenciada por Varine (2013), assim como no caso do “Café Com Memórias”, o cenário não é necessariamente institucional, mas, sobretudo, conceitual e efêmero, pois é interdependente dos sujeitos da ação patrimonial, os quais, por natureza, são dinâmicos e inacabados. Waldisa Rússio Guarnieri (1990) contribui para a percepção do potencial de trabalho de ações com natureza dinâmica e inacabada em cenários não institucionalizados ao explicar que:

Esse ser inacabado, esse processo condicionado pelo seu meio, capaz de criar, percebe o objeto existente fora de si; não só percebe, como lhe dá função, e lhe altera a forma ou a natureza, cria artefatos. A paisagem modificada pelo homem, o cenário no qual se desloca e realiza sua trajetória, são também artefatos. [...] esse cenário não deve ser visto apenas do ponto de vista institucional, mas sobretudo pelo seu reconhecimento público (GUARNIERI, 1990, p.204-205).

Nesse ponto, retornamos ao exemplo trazido por Varine (2013) para elucidarmos que, em um estudo futuro, buscaremos avaliar se as “Caminhadas da Percepção” realizadas pelo “Café Com Memórias” colaboram para a definição do patrimônio enquanto um capital herdado e direcionado para o desenvolvimento de uma consciência coletiva, conforme explica o autor mencionado. Varine afirma que:

Esse capital é herdado, o que significa que os herdeiros devem administrá-lo: conservar no sentido físico do termo não é suficiente. É preciso fazê-lo viver, produzir, transformar-se, para permanecer útil. Isto significa uma profunda tomada de consciência, de geração em geração, não apenas do

conteúdo do conteúdo do patrimônio, mas também das exigências de sua gestão (VARINE, 2013, p. 37).

Nesse ponto, refletimos acerca da seguinte questão: - Se o patrimônio é visto como o “levar adiante”, e o museu é um processo inacabado que independe do espaço físico, os museus efêmeros não devem ser marginalizados no campo da museologia, mas vistos como uma manifestação que tem, em potência, todos os elementos constitutivos de um museu. Afinal, o que caracteriza um museu, a sua manifestação física e institucional ou sua capacidade de levar o patrimônio adiante?

Outro ponto que merece destaque diz respeito à autonomia dos idosos nas caminhadas pela cidade. Ressaltamos que, embora existam semelhanças entre as caminhadas descritas por Varine (2013) e as realizadas pelos idosos protagonistas do “Café Com Memórias”, também percebemos diferenças entre elas. Durante as “Caminhadas da Percepção” os idosos fazem um acordo prévio sobre quais pontos turísticos falarão com as crianças e os visitantes. Dessa maneira, assumem o controle da ação.

Percebemos que, além de estimular a aproximação entre idosos e crianças, as ações realizadas durante o “Café Com Memórias” estimulam a formação de uma rede de memórias baseada na relação dos sujeitos com os objetos. Sobre essa relação e seus efeitos sobre a memória individual e coletiva, a Sr.^a Ilda Thiel (atual Diretora do Conselho Municipal de Idosos) explicou como percebe o funcionamento e as contribuições do “Café Com Memórias”. Segundo ela,

O “Café Com Memórias” funciona a partir dos objetos do MHMR. Buscamos saber quem conhece... Quem não conhece. Quem usou... Quem não usou. Os objetos fazem com que a gente lembre a nossa vida. Viajamos no tempo para a nossa vida passada (informação verbal¹⁹).

Os relatos demonstraram também que os idosos sentem-se valorizados por ser escutados durante as ações realizadas pelo “Café Com Memórias”. Outra importante contribuição do “Café Com Memórias” é evidenciada pela Sr.^a Ilda quando ela se refere aos objetos. Gonçalves (2013) explica que os objetos não servem apenas para representar, eles servem para agir; eles nos constroem.

Outros idosos percebem a importância das ações do “Café Com Memórias”. Ao ser questionada a respeito da importância dos objetos do MHMR para evocar

¹⁹ Entrevista concedida no dia 01 de junho de 2018.

memórias, a Sr.^a Verônica Krause disse que é muito bom, pois a visão dos objetos a faz retornar a um tempo vivenciado. Sobre esse assunto, a Sr.^a Ilda Thiel complementa que:

É como se eu estivesse de novo na casa dos meus pais, ou no início do meu casamento, quando não tínhamos geladeira para conservar alimentos e só contávamos com um fogão de lenha. Tínhamos que usar vários objetos que são mostrados no “Café Com Memórias” (informação verbal²⁰).

Nesse momento, percebemos indícios de que a Sr.^a Ilda Thiel está construindo sua identidade, sua origem e sua trajetória. Enquanto narra sua relação com os objetos no “Café Com Memórias”, mostra que estes assumem a função de um museu. Afinal, esta não é uma função primordial para justificar a existências dos museus?

Ao analisar os indícios coletados com as entrevistas semiestruturadas e com a observação participante realizada ao longo das ações, percebemos que a atuação do “Café Com Memórias” como um museu efêmero interfere positivamente em todas as dimensões da vida, não apenas em uma representação abstrata do objeto. Partindo dessa concepção de museu, constatamos que este espaço efêmero “ancora” várias memórias, no sentido de ancoragem patrimonial de Tornatore (2010). Dessa forma, o museu ajuda a construir a imagem das pessoas, é a moldura pela qual suas identidades sociais são construídas.

Os relatos anteriores nos fazem perceber a importância dos objetos do MHMR e do processo desenvolvido no “Café Com Memórias” para a percepção do acervo enquanto sociotransmissor (CANDAU, 2009). Sobre esse aspecto, Messias, Dittgen e Ribeiro explicam que:

O “Café Com Memórias” utiliza objetos museológicos como elementos sociotransmissores (CANDAU, 2009), que serviram de nexos entre as pessoas e as memórias, substrato para o forjamento das identidades sociais. Através deles, muitas memórias são evocadas, entrelaçando histórias individuais e compondo uma rede de memórias partilhadas entre os membros do grupo, que são manifestadas em forma de relatos orais, danças, músicas, reprodução de brincadeiras e de festejos acontecidos no município. Nesses eventos são cingidos no mesmo tecido, memórias individuais e coletivas (MESSIAS; DITTGEN; RIBEIRO, 2016, p. 2).

Ao buscamos compreender as observações em campo feitas ao longo dos quatro anos de trabalho com idosos no MHMR, e, posteriormente, de forma mais

²⁰ Entrevista concedida em 1 de junho de 2018.

imersiva, durante as ações do “Café Com Memórias”, verificamos que a comunicação das narrativas memoriais dos idosos potencializa a apropriação delas como intermediário cultural (BOSI, 2003).

Por acreditarmos que um museu atingirá o seu verdadeiro papel quando perceber que “[...] a gestão do patrimônio deve ser feita o mais próximo possível dos criadores e dos detentores desse patrimônio, de modo a não separá-lo da vida” (VARINE, 2013, p.19), investimos esforços nessa pesquisa que tem na performance dos idosos a sua razão de existência.

Durante a realização das entrevistas semiestruturadas e das observações em campo, percebemos indícios de que o “Café Com Memórias” pode ser compreendido como um espaço terapêutico para os idosos. Ao ser entrevistada, a Sr.^a Verônica Krause destacou: “Eu e o Antônio nos sentimos muito bem durante as ações. Lá, podemos conversar sobre como é a nossa vida aqui em Morro Redondo e sobre tudo o que já fizemos. Saímos sempre muito felizes de lá” (Verônica Krause, entrevista concedida no dia 01 de junho de 2018).

No subcapítulo seguinte, demonstraremos as contribuições que a escuta e o acolhimento aos idosos no “Café Com Memórias” – exemplos de ações de acessibilidade e inclusão (TOJAL, 2015) – podem ter para com essas pessoas da terceira idade. Tais considerações serão realizadas a partir da revisão bibliográfica da área e de depoimentos feitos pelos próprios protagonistas.

2.2.3 O “Café Com Memórias”: A função terapêutica de um museu efêmero.

“[...] é no contacto sensorial entre o homem e o objecto que o museu encontra a sua justificação e por vezes a sua necessidade” (VARINE, 1992)

Neste subcapítulo da nossa pesquisa, descreveremos a ação terapêutica que a performance museal do “Café Com Memórias” pode promover nos idosos participantes das ações museológicas. Essa possibilidade terapêutica comunga com a nossa pesquisa na medida em que demonstra a potencialidade de o museu efêmero estudado promover a descoberta de novas musealidades.

Partindo do princípio que a musealidade está relacionada com uma atribuição de valor simbólico dada ao objeto, conforme foi discutido no capítulo

anterior, entendemos que, a partir do momento em que os idosos, ao longo do tempo, foram percebendo a conexão dos objetos cotidianos presentes no MHMR e de cenários da cidade como conectores com a sua história de vida, estavam agregando valor a essas “coisas” e criando novas musealidades.

De forma análoga, na medida em que as ações do “Café Com Memórias” potencializaram a descoberta de novas musealidades, o museu efêmero está contribuindo para a preservação do patrimônio apropriado pelos idosos, tendo em vista ser esta uma premissa para a potencialização da preservação patrimonial.

Trouxemos esta possibilidade para a pesquisa, tendo em vista as percepções que tivemos durante as ações ocorridas entre novembro de 2015 e junho de 2018, nas quais utilizamos o método da observação participante. Outra contribuição para a concepção desta ideia diz respeito à análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os idosos mais assíduos do “Café Com Memórias” ao longo da pesquisa. A percepção de que as ações do “Café Com Memórias” trazem efeitos positivos para os participantes pode ser percebida a partir do relato do Sr. Evaldo Thiel, ao ser questionado sobre o sentimento dele após os encontros promovidos pelo “Café Com Memórias”:

Saímos sempre com a sensação boa. A gente na vida, agora, não se dá ao tempo de recordar. É por isso que o “Café” é importante. Através dele, nós recordamos e fortalecemos nossa cabeça, nossas memórias. Ficamos mais esquecidos depois de velhos (EVALDO THIEL, entrevista concedida no dia 01 de junho de 2018).

Os possíveis efeitos terapêuticos do “Café Com Memórias” podem ser explicados também a partir de uma pesquisa feita por Ottoni et al (2011) em uma Instituição de Longa Permanência (doravante ILP) que abriga idosos. No trabalho que busca a aproximação de um grupo de professores e alunos com os internos dessa ILP, os autores buscam compreender a influência da escuta para a constituição identitária desses sujeitos sociais. Segundo os autores,

ao contar e ao ser ouvido, o idoso socializa o conhecimento outrora vivido e que as suas memórias podem enriquecer a experiência de vida dos participantes do projeto – professores, alunos e idosos. Além disso, as histórias de vida dos idosos constituem uma representação da realidade e, nesse sentido, conhecê-las pode possibilitar à sociedade uma reflexão sobre a vivência em uma ILP, sobre as identidades dos internos nessas instituições, sobre o processo de envelhecimento do outro e de si e sobre

vários problemas vivenciados na sociedade contemporânea (OTTONI et al, 2011, p. 59-60).

O “Café Com Memórias”, em seu aspecto terapêutico, aproxima-se ao trabalho feito por Ottoni et al (2011) pelo fato de “dar voz” aos idosos, possibilitando-lhes um espaço para contar suas histórias de vida, reviver lembranças e reminiscências, pensar sobre o vivido em um processo que envolve passado, presente e novas perspectivas para o futuro, tal como os atores mencionados conseguem com a pesquisa realizada. Diferenciam-se, entretanto, pois, para além de dar voz e prover uma escuta qualificada, o “Café Com Memórias” permite aos idosos agir como potencializadores de novas musealidades, sendo coadjuvantes de uma transformação social que começa a acontecer no município; aspectos que corroboram para percebermos as ações duradouras do museu efêmero estudado.

Para fundamentarmos nossa ideia, realizamos pesquisas bibliográficas e deparamo-nos com autores que demonstram a importância de ações semelhantes às realizadas pelo “Café Com Memórias”, para a preservação da memória dos idosos. Baseando-se na Psicologia, Lopes, Afonso e Ribeiro (2014) demonstram, em um estudo experimental, que a reminiscência, processo de recuperação de experiências vividas no passado, pode ser utilizada para fins terapêuticos. No estudo realizado, os autores demonstraram que a técnica pode promover a melhoria da saúde mental, a autoaceitação e o bem-estar dos idosos através de ações realizadas em grupo, em decorrência do benefício trazido através da escuta das histórias de vida dos sujeitos (LOPES, AFONSO, RIBEIRO, 2014).

O estudo feito pelos autores supramencionados foi analisado também por Figurelli, Ribeiro e Messias (2006). Ao elucidarem a importância do “Café Com Memórias” para o bem-estar dos participantes das ações, esses autores destacaram que:

Nós somos o que lembramos e o que contamos sobre nós. E para contar sobre nós, precisamos fazê-lo coletivamente, compartilhando vivências e experiências, tornando nossa memória relacional com o espaço, com outras pessoas, com outros tempos. No entanto, contrariamente a este entendimento, em nossa sociedade ocidental, à medida que atingimos a velhice, deixamos de ser escutados, numa demonstração de desvalorização das experiências de vida (FIGURELLI, RIBEIRO; MESSIAS, 2006, p.134).

Sobre os benefícios da escuta aos idosos nos museus, os autores supracitados afirmam que:

Assumindo que o museu tem compromisso com a memória, seria este então o cenário oportuno para proporcionar falas e escutas que fortalecem o patrimônio de cada um de nós, o que significaria dizer que, quando damos ouvidos e autonomia aos idosos, celebramos a vida (FIGURELLI; RIBEIRO; MESSIAS, 2006, p. 134).

Em busca de potencializar a memória dos idosos, o “Café Com Memórias”, em parceria com o coordenador do projeto de extensão que apoia o MHMH, realizou parceria o curso de Química e o de Nutrição da UFPEL, envolvendo, assim, estudantes que trabalhavam em um projeto utilizando atividades baseadas na neurociência. Foi firmada também uma parceria com os cursos Terapia Ocupacional e Psicologia da UFPEL para que as ações fossem acompanhadas por esses estudantes de forma a potencializar os efeitos benéficos aos idosos participantes. As figuras a seguir demonstram algumas das ações envolvendo esses estudantes:



Figura 8 - Atividade com apoio da neurociência.
Fonte: MESSIAS, 2016.



Figura 9 - Atividade com apoio da Terapia Ocupacional
Fonte: ACERVO DO MUSEU, 2016.

As figuras demonstram a utilização do estímulo sensorial e vivências sobre brincadeiras da infância como forma de potencializar a memória individual. Nas atividades realizadas, os idosos eram levados a reconhecer objetos e alimentos do seu cotidiano. Após o reconhecimento, narrativas memoriais eram comunicadas entre os participantes, as quais agregavam memórias coletivas.

Em relação ao campo museológico, percebemos que as ações desenvolvidas pelo “Café Com Memórias” comungam com a “Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade”²¹. Sobre essa relação, Messias e Ribeiro (2017), em uma comunicação oral durante o 7º Fórum Nacional de Museus²², realizado na cidade de Porto Alegre-RS, ressaltam:

[...] acreditamos que os museus devem ocupar-se de ampliar o acesso e promover a cidadania, desempenhando um papel ativo nas comunidades a que servem. Deste prisma, cremos que as coleções confiadas aos museus só ganham sentido se apropriadas simbólica, identitária e mnemonicamente. No escopo deste trabalho, para além da gestão do acervo, ao Museu interessa preservar vidas, designadamente dos idosos da Cidade (MESSIAS; RIBEIRO, 2017).

Os autores, citando Halbwachs, explicam que:

Ao utilizarmos objetos museológicos como gatilhos para evocar histórias de vida, entrelaçam-se às narrativas, em uma mesma rede heterogênea, passado e presente, mortos e vivos, objetos e gente, perto e distante. Ao serem trabalhadas de forma solidária, desloca-se o conceito de memória individual para o contexto da memória coletiva (MESSIAS; RIBEIRO, 2017).

Ao encontramos os primeiros “fios e tramas” (remetemo-nos aqui aos termos usados por Carlo Ginzburg (1992)), que servem de base para que possamos começar a compreender o contexto social que estudamos, percebemos que o “Café Com Memórias” contribui para a potencialização dos diálogos que acontecem entre o MHMR e seus públicos, aspectos que serão descritos no subcapítulo a seguir.

²¹ A “Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade” foi aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da UNESCO em sua 38ª sessão. Para mais informações, acessar: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002471/247152POR.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

²² O 7º Fórum Nacional de Museus foi realizado entre os dias 30 de maio e 4 de junho no Centro de Eventos da PUC-RS, na cidade de Porto Alegre (RS), e teve como tema gerador a recomendação da UNESCO sobre a Proteção e Promoção de Museus e Coleções, aprovada em 2015 a partir de iniciativa brasileira. Para maiores informações, acessar: <<http://fnm.museus.gov.br/sobre-o-6o-fnm/>>.

2.2.4 Memórias potencializando diálogos entre a efemeridade e a historicidade

Nesta parte final da pesquisa, traremos indícios de como as memórias potencializam os diálogos entre o museu efêmero – objeto de nosso estudo – e o museu histórico. Ao longo da pesquisa, investigamos como os idosos sentem-se em relação ao “Café Com Memórias”. Os resultados do trabalho empírico serão descritos neste item.

A maneira como as ações são desenvolvidas no “Café Com Memórias” e os resultados dos trabalhos realizados servem para aproximar as memórias individuais e coletivas das memórias históricas. Em uma relação de dupla troca, os museus dialogam de forma simbiótica e contribuem para o fortalecimento da memória social em Morro Redondo. As ações contribuem também para a criação de uma rede de memórias que nutre a documentação museológica do MHMR.

As primeiras entrevistas realizadas para compor este estudo empírico demonstraram que a dinâmica do “Café Com Memórias” interferiu na prática do MHMR, tal como afirma a Professora Rutilde K. Feldens, da Escola Estadual Nosso Senhor do Bonfim após vivenciar ações envolvendo as duas concepções de museus. Disse ela:

Bom, eu também vivenciei uma experiência única, museu para mim era um lugar onde só olhávamos e não podíamos tocar, “não mexe” isso me incomodava, mas isso mudou e fiquei apaixonada. Imagina para as crianças que só conseguem entender melhor tocando, vendo, conversando e praticando. Montamos exposições fora da sala do museu, na Praça, na rua, podíamos carregar os objetos e contar para que serviam, onde eram usados (informação verbal²³).

No seu depoimento, a Professora Feldens ressalta como as atividades contribuíram para potencializar o interesse dos alunos em sala de aula:

Eles voltavam para a sala de aula com muitas perguntas, muitas histórias, descobertas para contar. Daí era fácil fazer as tarefas, descobrir coisas, pesquisar... Havia interesse! Coisa rara de acontecer com jovens de classe média baixa, que não querem estudar, nem adquirir novos conhecimentos. São desinteressados! Temos muitas crianças apáticas! (informação verbal²⁴).

A professora narra também a aproximação dos alunos com os idosos após as ações:

²³ Entrevista concedida à Andréa C. Messias em 06 de junho de 2018.

²⁴ Idem.

Essa prática aproximou os alunos do museu e dos idosos. Eles ficaram amigos dos idosos e dos estudantes da museologia. Várias vezes chegavam em sala contando eufóricos que tinham encontrados com eles no ônibus, nos restaurantes e pela cidade (informação verbal²⁵).

Sobre o resultado das “Caminhadas da Percepção” com os idosos gerenciando a ação, a Professora descreve a mudança de comportamento dos alunos – que nós interpretamos com base na teoria museológica como a ativação do olhar patrimonial em decorrência da performance museal:

Nessa altura da minha carreira, após 38 anos de magistério, observei uma turma com um grande aprendizado, uma grande vontade de aprender, valorizando a sua cidade, as pessoas, os idosos. Crianças indo a busca de mais conhecimento com seus avós, familiares. Também contando para colegas coisas que aprenderam com os idosos do “Café Com Memórias” (informação verbal²⁶).

A professora demonstra que a relação dos alunos com o patrimônio foi modificada:

O relacionamento com a história local foi surpreendente, esses alunos agora respeitam a praça e outros patrimônios. Para eles não é só um banco, uma flor, uma árvore... Para eles isso é muito mais, eles sabem a história dali, eles sabem que antes, a Praça serviu como um curral de animais. No pátio da Igreja eles vivenciaram a encenação do batismo na pia batismal, objeto que muitos desconheciam. Mas depois a pastora mostrou como era utilizada, ao encenar o batismo de um idoso, tudo mudou (informação verbal²⁷).

A Figura 10 ajuda-nos a perceber o que a Professora Rutilde Feldens descreveu acima, fator, no campo museológico, definido como o “olhar museológico”, termo cunhado por Chagas (1994). Segundo o autor, este olhar potencializa a ativação patrimonial e a transformação das pessoas por ser

[...] um modo especificamente museológico de olhar o mundo. Um olhar que é capaz de questionar o imediatamente vivido e deslumbrar-se com as novas descobertas. Um olhar constituidor de signos, a medida em que busca um 'outro' sentido além do sentido aparente. Um olhar que sem eliminar definitivamente a função primeira dos objetos/bens culturais, acrescenta-lhes novas funções, transformando-os em representações, em semióforos, em documentos ou suportes de informação. **Um olhar, enfim,**

²⁵ Entrevista concedida pela Professora Rutilde Feldens à Andréa C. Messias em 06 de junho de 2018.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

que transforma os mais diferentes espaços/cenários em museu
(CHAGAS, 1994, p. 52, grifo nosso).

Ao explicar que o desenvolvimento do olhar museológico – o qual nós entendemos como musealidade – não se limita a um espaço institucionalizado e enfatizando a possibilidade de ocorrência do fato museal fora do âmbito do museu (instituição), Chagas (1994) contribui para percebermos a importância de conceber, sob o ponto de vista conceitual, o “Café Com Memórias” como um museu.



Figura 10 - A rua como cenário do “Café Com Memórias”
Fonte: RUTILDE FELDENS, 2016.

Durante o nosso estudo empírico, obtivemos relatos da Sr.^a Lili Krause Krüger, de 80 anos, agricultora e dona de casa, natural de Pedro Osório, atual Cerrito (localidade conhecida por Igreja Queimada). Essa senhora conta que mora em Morro Redondo desde os nove anos de idade. Durante o relato, ela expressou como conheceu o “Café Com Memórias” e como foi libertador falar sobre os fatos traumáticos que ela e seus familiares viveram durante o período do Estado Novo (1937-1945), memórias essas que não costumava relembrar:

Soube do “Café Com Memórias” por minha filha, ela é professora e sempre me contava do trabalho com os alunos e idosos. (...) Quando minha filha me levou no encontro do “Café Com Memórias”, foi muito bom, nem gosto de falar em público, mas o assunto era muito fácil para mim, pois eu vivi, senti na pele todo aquele episódio da guerra. Falei bem tudo que vivi quando era pequena com meus pais, lá na Igreja Queimada (informação verbal²⁸)

A idosa continua a sua narração emocionada, explicando:

Tivemos que dormir no mato, esconder as louças nos bambus, meu tio, irmão do meu pai que ficou preso, mas conseguiu escapar, quando chegou

²⁸ Entrevista concedida pela senhora Lili Krause Krüger à Andréa Messias em 06 de junho de 2018.

em nosso esconderijo, estava com uns olhos muito grandes e falou vão enforcar o fulano. E enforcaram uma pessoa lá na Igreja queimada. Foi um horror! (informação verbal²⁹)

A Sr.^a Krüger complementa dizendo:

Imagina isso eu nem lembrava, mas quando fui participar do “Café Com Memórias” me veio tudo na cabeça. Comecei a lembrar e ver como meus pais tinham passado terror. Talvez por isso minha mãe tinha umas manias. Viajei nas memórias que consegui desabafar. Ao contar, me senti importante, parte da história [...] Isso estava escondido em mim. Eu pensava pra que contar essas coisas ruins? Mas, descobri que eu podia ajudar a nova geração (informação verbal³⁰).

Ao ser questionada sobre o sentimento que vivenciou ao assistir a encenação teatral “Memórias Caladas”, dirigida pelo estudante de Psicologia Marcos Roberto de Souza, voluntário do MHMR e participante do “Café Com Memórias”, quem subsidiou o enredo da peça, a D. Krüger falou:

No teatro eu me emocionei, chorei. Eram a minha neta e bisneta como artistas. Havia conhecidos meus fazendo a história que eu tinha vivido. Era muito parecido, igualzinho. O rádio, os homens em casa se fechavam para ouvir as notícias, no teatro também. A mãe que dormia com os filhos na mesma cama. Isso também aconteceu comigo, o espião estava lá, nós nunca vimos, mas diziam que tinha alguém rondando as casas. Na escola riam de nós quando falávamos a língua alemã ou tínhamos sotaque (informação verbal³¹).

Ao final da entrevista, ela ainda ressaltou:

Sei que o dia do teatro foi muito bom, uma emoção excepcional! Pensei que ia ficar triste, mas fiquei mais leve, me tirou um peso. Estávamos todos juntos para um fim bom. Desejo que nunca mais aconteça isso com ninguém (informação verbal³²).

A Figura 11 demonstra a Sr.^a Krüger participando da edição do “Café Com Memórias” na qual os relatos foram enunciados. A figura 12 representa o cenário da peça teatral a qual ela se refere, “Memórias Caladas”. Em uma fala emocionada, a Sr.^a Lili Krüger narra, no “Café Com Memórias” acontecido no dia 10 de março de 2017, os episódios traumáticos vivenciados por ela e seus familiares durante o

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

período do Estado Novo (1937-1945), quando residia na atual localidade conhecida por Igreja Queimada - RS.

Ressaltamos a presença da Terapeuta Ocupacional Tâmara Dittgen e do estudante de Psicologia Marcos Roberto Souza, além do coordenador do projeto de extensão já mencionado, o Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro, para dar suporte à atividade.



Figura 11 – Narrativas vivenciadas durante o Estado Novo (1937-1945)
FONTE: CARDOZO, 2017.



Figura 12 – Objetos do MHMR em dinâmica durante encenação teatral
Fonte: CARLISTON LIMA RIBEIRO, 2017.

Durante as entrevistas semiestruturadas, obtivemos um relato de Angélica Boettge dos Santos, idealizadora do “Roteiro Turístico Morro de Amores” e membro da Associação de Empreendedores desse roteiro. Ao ser questionada sobre a

percepção dela sobre a possibilidade de as narrativas memoriais, compartilhadas no “Café Com Memórias”, contribuírem para a comunicação da potencialidade turística de Morro Redondo, ela relatou:

Esta atividade do Museu “Café com Memórias” tem desenvolvido o município de Morro Redondo significativamente, este trabalho além de trazer o fortalecimento das histórias do município tem fortalecido a autoestima dos idosos e integrando crianças e jovens mostrando a eles como a cultura se desenvolveu, como chegamos até aqui e quem construiu a história e de quem depende para ela ser mantida (informação verbal³³).

A Sr.^a Santos também explicou que:

As atividades apresentadas nos auxiliam a resgatar a história da cidade; o saber fazer que é único de cada região e ainda conseguem demonstrar que as pessoas do município (escolas/prefeitura/câmara de vereadores/associações) devem trabalhar em parceria, pois só assim teremos um município que mantém e detém sua cultura (informação verbal³⁴).

Durante a entrevista, ela fez referência ao surgimento do grupo *Stipa*, o qual, através de um trabalho de memórias de idosos e pessoas da comunidade, retomou um costume pomerano tradicional que estava esquecido: a Serenata da Páscoa (*Stipien*). Durante a serenata, na noite que finalizava a quaresma, era costumaz que grupos saíssem acordando os vizinhos, oferecendo músicas. Ao ser recepcionado com comida e bebida, o grupo tocava três músicas e ia a outra residência. O ritual repetia-se até o raiar do dia. Sobre o surgimento do *Stipa*, a Sr.^a Santos afirmou que:

As memórias dos idosos tornaram o Grupo *Stipa* e o *Stipien* famoso. Nós fizemos as serenatas de páscoa nas casas durante muitos anos, mas a tradição estava esquecida. [...] Com eles foi possível mostrar esta cultura [...] nos dias de hoje quando o Roteiro Morro de Amores recebe excursões que visitam o Museu perguntam se o grupo *Stipa* estará presente (Angélica Santos, entrevista concedida dia 18 de junho de 2018).

A entrevistada qualificou o MHMR e reforçou a contribuição deste para o desenvolvimento do turismo local:

Sendo assim temos um Museu “VIVO E ATIVO”, que nos auxilia no desenvolvimento do turismo, em uma educação escolar diferente que seja possível aprender vivenciando, que escuta os nossos idosos, fazendo com

³³ Entrevista concedida por Angélica Santos à Andréa Messias no dia 18 de junho de 2018.

³⁴ Idem.

que eles sejam protagonistas não só da história de antigamente, mas da história de hoje (Angélica Santos, entrevista concedida dia 18 de junho de 2018. Ênfase dada pela depoente).

Os relatos acima permitem verificar indícios de que os museus analisados nesta pesquisa trabalham no sentido de incentivar o protagonismo dos idosos, de promover o diálogo intergeracional através do convívio entre idosos e crianças e que trabalham em prol da ativação patrimonial. As ações transformam o “Café Com Memórias” e o MHMR em locais

[...] de encontro, de trabalho comum, de trocas. Saber que um museu pode e quer colaborar com o desenvolvimento social faz germinar ideias e projetos novos por parte dos atores sociais e culturais do território (VARINE, 2008, p. 18).

Percebemos que, neste trabalho de trocas, o museu se volatiliza, sai dos limites institucionais, históricos e ganha o território, em uma nova configuração, mais rizomática e efêmera, na medida em que assume dinâmicas e proporções indefinidas formalmente, porém potentes e palpáveis. Nesse ponto, acontece a aproximação entre o histórico e o efêmero.

Outra ação que permite perceber a reverberação entre os museus diz respeito à salvaguarda do saber-fazer do doce colonial. Através de ações de sensibilização nos estabelecimentos educacionais públicos, localizados na zona urbana e na localidade do Açoita Cavalo (zona rural do município onde, conforme relatos, teve início a primeira fábrica artesanal de doce da localidade), o tacho e o mexedor do MHMR foram utilizados como mediadores culturais.

Esses objetos ajudaram um idoso protagonista do “Café Com Memórias” a dialogar com os alunos sobre a biografia do doce colonial e, em seguida, a compartilhar suas memórias às idosas participantes do Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) daquela localidade. Entendemos que esses artefatos são mobilizadores do museu efêmero, uma vez que não apenas são produtos de um dado sistema cultural, ou só funcionam como produto da ação humana. Eles, em realidade, formam as pessoas, agem sobre elas e, enquanto circulam, dão potência ao museu efêmero.

As ações relativas à salvaguarda do saber-fazer do doce colonial foram explicitadas às comunidades morrorredondenses e aos representantes do poder público municipal e das instituições da cidade por ocasião da visita da Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (doravante IPHAN), a Sr.^a Kátia Bogéa. Durante a cerimônia, a Presidente do IPHAN entregou, aos doceiros tradicionais de Morro Redondo (vide Figura 13), a certificação referente ao registro do doce³⁵ como patrimônio cultural imaterial brasileiro.



Figura 13 - Apresentação dos trabalhos de salvaguarda ao IPHAN
Fonte: EDITH BÜTTOW, 2018.

A análise de todas as ações já realizadas pelo “Café Com Memórias” permite-nos afirmar que parte do acervo do MHMR e determinados espaços no município funcionam como lugares de memória³⁶ (NORA, 1993). Os idosos, ao interagir entre si e com as crianças, frequentemente, trazem à tona narrativas memoriais para descrever as camadas de significados que os espaços da cidade e os objetos tiveram, mas que foram esmaecidas em decorrência do efeito do tempo.

Essas narrativas servem como suporte de memórias, que podem ser entendidos como patrimônios apropriados por esses sujeitos sociais. Peter Van Mensch (2009) contribuiu para essa discussão ao alertar que:

³⁵ Em 15 de maio de 2018, o saber-fazer do doce colonial foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. A Cerimônia de entrega dos certificados aos doceiros tradicionais em Morro Redondo aconteceu no dia 8 de junho de 2018.

³⁶ Por “lugares de memória”, Pierre Nora (1993) entende como sendo locais de negociação de lembranças que fundamentam identidades, funcionando como gatilhos de evocação de memórias que se fazem necessários para evitar o apagamento das mesmas.

A Musealização - processo de criação de patrimônios geralmente é feito por instituições, mas ela existe como resultado da vivência de pessoas que, ao compartilharem suas memórias individuais, contribuem para a construção de memórias coletivas. Esse processo independe de uma instituição museológica, podendo acontecer entre grupos que costumam conviver socialmente e que detêm valores comuns (MENSCH, 2009, p.11).

A afirmação feita por Mensch é de suma importância para validarmos a concepção do “Café Com Memórias” como um museu efêmero que ativa o olhar patrimonial no município. Em relação ao processo de criação de patrimônio, Gonçalves (2002, p. 22) alerta-nos que, de forma contrária ao modo como alguns autores entendem o patrimônio, este não é uma invenção moderna, pois todos os grupos humanos, desde as mais remotas épocas, ao colecionar objetos, já estavam constituindo patrimônios, o que pode ser compreendido pela relação entre o sujeito e o mundo. Sobre esse aspecto, Mensch (2009) ressalta que essa relação

inclui os ciclos de vida dos indivíduos, seres humanos de carne e osso, que se condensam – vistos sob uma perspectiva de longo prazo – em histórias acumuladas de famílias, vizinhanças, comunidades e regiões (Rooijakkers, 1999). Esta é a paisagem enquanto *mindscape*, isto é, uma categoria mental instrumentalizada por pessoas a fim de dar significado ao mundo em que vivem (MENSCH, 2009, p.12).

A afirmação de Mensch (2009) sobre a paisagem enquanto *mindscape* caminha ao encontro do pensamento de Varine (2013) sobre a criação de “consciência coletiva” em relação ao patrimônio (já explicado nesta pesquisa) e a de Ludwik Fleck (1979) ao cunhar o termo “coletivo de pensamento”. Segundo Fleck (1979), essas percepções, que partem de um grupo coeso, contribuem para a construção de conhecimento e para o fortalecimento da identidade social por compartilhar valores e vivências semelhantes, além de servir para consolidar a nossa pesquisa.

Dessa forma, ressaltamos a urgência do campo museológico pensar na ampliação do conceito do conceito de forma a abranger outras concepções museológicas, que, tais quais, os museus clássicos, devem ter o seu espaço reconhecimento. É também preciso pensar em políticas de preservação que sejam capazes de suprir as necessidades desses novos modelos de museus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ancorados no campo teórico da Museologia, verificamos que foi possível conceber a ideia do “Café Com Memórias” como um museu efêmero. Ressaltamos que tivemos como base para a nossa análise a aplicação do conceito performance museal, conforme definido por Schechner (1985) e Brulon (2012), protagonizada por moradores idosos do município de Morro Redondo – RS. Analisamos também a aplicação do conceito stranskyano de musealidade estudado por Guarnieri (1980), Maroevic (1998), Mensch (2004), Brulon (2012), Bruno (2017), Farjalla (2015) e verificamos suas contribuições para a ativação do olhar patrimonial em um contexto não institucionalizado.

Os resultados da pesquisa bibliográfica, das observações participantes e a análise das entrevistas semiestruturadas demonstraram que é possível caracterizarmos o “Café Com Memórias” como um museu efêmero (LONTRÃO, 2011), como um fenômeno museológico fluído e dinâmico, passível de acontecer em qualquer lugar e a qualquer tempo (SCHEINER, 2008) e que resulta de um trabalho de memória (BOSI, 1994).

Dessa forma, deslocamos o olhar sobre o conceito de museu como instituição permanente, reformulado em 2007 pelo ICOM, e consideramos que é possível ampliar a concepção de museu-instituição para museu-espaco de reivindicação de memórias, com caráter mutável e camaleônico (LONTRÃO, 2011). Em tal perspectiva, ao potencializar o desenvolvimento de um olhar museológico, sensível, criativo e transformador, pode acontecer em qualquer cenário e a qualquer tempo (CHAGAS, 1994).

Reiteramos que os resultados observados foram possíveis em decorrência da dinâmica do “Café Com Memórias” como museu efêmero assemelhar-se ao conceito de museu compreendido como uma obra-aberta, inacabada (BRULON, 2012), (U-ECO, 1976), que só se completa a partir da ação do público.

Os resultados demonstraram também a importância de compreendermos a interação das crianças e dos visitantes com os idosos do “Café Com Memórias” como processos que potencializam o vínculo entre os sujeitos e os museus. Esse aspecto é relevante para a construção de discursos horizontalizados (CURY, 2005)

entre os públicos, os protagonistas do “Café Com Memórias” e o MHMR. Verificamos, além disso, que o vínculo formado potencializou a comunicação dos valores simbólicos do acervo do MHMR.

A observação participante no “Café Com Memórias”, iniciada em novembro de 2015, forneceu-nos as bases para que possamos afirmar que a performance dos idosos, através da gestão autônoma do “Café Com Memórias”, contribui para a preservação do patrimônio apropriado por esses atores e pelas crianças durante as “Caminhadas da Percepção”, realizadas em cenários da cidade. Dessa forma, demonstramos ser a eficácia dessas performances o que compreendemos como um museu efêmero.

As observações e o resultado das entrevistas demonstraram também que a negociação de memórias realizadas pelos protagonistas do museu efêmero potencializa o surgimento de novas musealidades e a construção de rede de memórias que é tecida no meio social no momento das ações. Estes indícios permitem-nos afirmar que, embora efêmeras em relação ao intervalo de tempo no qual as atividades acontecem, as ações possuem efeito duradouro e caminham no sentido de potencializar a formação de metamemórias (CANDAU, 2009).

Através da performance museal (BRULON, 2012) do “Café Com Memórias”, das entrevistas com os fundadores do MHMR e da pesquisa bibliográfica, percebemos que a formação do acervo do museu foi realizada de forma comunitária. Essa condição fortalece a relação sujeito-objeto e o entendimento do acervo como sociotransmissor (CANDAU, 2009) e potencializador da memória e da identidade social (POLLACK, 1992).

O trabalho de campo, através da observação participante, demonstrou que o “Café Com Memórias”, além de contribuir para modificar processos de musealização no MHMR, por permitir maior autonomia aos atores sociais locais (VARINE, 2013) e dinamização do acervo, alimenta a documentação museológica desse instituto através da rede de memórias construída durante as ações efêmeras. As atividades realizadas promovem o fortalecimento do vínculo entre os dois museus.

Nesse momento, como pesquisadora iniciante³⁷, ressalto que a pesquisa empírica realizada demonstrou resultados que eu não havia previsto inicialmente. A

³⁷ Passo a escrever na primeira pessoa do singular, pois estas são conclusões pessoais.

proposta em que pensei era focar apenas no estudo do conceito de museu e na possibilidade de conceber a ideia de um museu efêmero. Porém, obtive resultados imprevistos com os depoimentos que demonstraram indícios da função terapêutica do “Café Com Memórias”. Dessa maneira, investi esforços em pesquisá-la também.

Destaco que esta pesquisa empírica contribuiu para o meu amadurecimento acadêmico. Este fato deu-se tanto em relação ao aprofundamento teórico no campo museológico, quanto na relação interpessoal através da convivência com a equipe do projeto de extensão e com os frequentadores do MHMR e do “Café Com Memórias”.

Indico que esta investigação fez-me pensar em realizar um trabalho futuro, no qual investigarei, de forma mais aprofundada, a relação do “Café Com Memórias” com os demais dos moradores de Morro Redondo e com o “Roteiro Turístico Morro de Amores”. Pesquisarei também acerca da possibilidade de as ações efêmeras propiciarem a formação de memórias por tabela (POLLACK, 1992) nas crianças participantes das “Caminhadas da Percepção”.

Para finalizar, ressalto que, com vistas a um estudo futuro, acompanharei as ações do “Café Com Memórias” que serão realizadas durante os próximos anos e verificarei a contribuição dele para o fortalecimento das memórias relacionadas ao saber-fazer do doce colonial em Morro Redondo.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BOSI, E. Memórias da Cidade: Lembranças Paulistanas. **Estudos avançados**, São Paulo, v.17, n. 47, jan./abr, 2003.

_____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRITO, L. O. de. **O permanente e o efêmero**: o conceito de patrimônio nas perspectivas do Ocidente e do Oriente. 2001. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRULON, B. C. S. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. In: ICOFOM LAM 2012. **Termos e conceitos da Museologia**: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral: documento de trabalho do 21º Encontro Regional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

_____. Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu. **Senatus**, Brasília, v. 7, n. 2, p.32-41, Dez. 2009. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/183232/000876474.pdf?sequence=6>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRUNO, M. C. O. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

CANDAU, J. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 43-58, jan./dez. 2009.

CURY, M. X. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro: 2005.

DOHMANN, M. **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, n. 115, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2018.

FARJALLA, D. C. L. Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália. **Ciência Informação**, Brasília, v. 42, n. 3, p. 379-398, set./dez. 2015.

FIGURELLI, G. R.; RIBEIRO, D. L.; MESSIAS, A. C. Memória, Senilidade e Museu. **Revista Publicatio UEPG, Ciências Sociais Aplicadas**, vol. 24, n. 2, p. 133-144, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

GONÇALVES, J. R. S. **O patrimônio como categoria de pensamento**. Caxambu, 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, 23 nov. 2002. Comunicação apresentada na mesa-redonda "Patrimônios emergentes e novos desafios: do genérico ao intangível". Disponível em: <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2015/03/gonc3a7alves.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

GUARNIERI, W. R. C. Museu, Museologia, Museólogos e Formação. **Revista de Museologia**, São Paulo, v. 1, ano 1, n. 1, p. 7-11, 1989.

GUARNIERI, W. R. C. Conceito de Cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, M. C. O. (Coord.). **Textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 1990.

IZQUIERDO, I. **Estudos Avançados**. 6. ed. São Paulo: 1989. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006. Acesso em: 18 out. 2013.

KUBRUSLY, C. As Moradas da Calunga Dona Joventina: Objetos, Pessoas e Deuses nos Maracatus de Recife. In: GONÇALVES, J. R. S.; BITAR, N. P.; GUIMARÃES, R. S. (Orgs.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

LOPES, T.; AFONSO, R.; RIBEIRO, Ó. Impacto de intervenções de reminiscências em idosos com demência: revisão de literatura. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v.15, n. 3, p. 597-611, dez. 2014.

LONTRÃO, J. R. da C. **Museu Efêmero: Estudo da Avenida Barbosa do Bocage na Freguesia de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa**. 2011. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MANKE, L. S. Museu Comunitário Morrorredondense. In: GILL, L. A.; LONER, B. A.; MAGALHÃES, M. O (Orgs.). **Horizontes urbanos**. Pelotas: Armazém Literário, 2004.

MAROEVIC, I. **Introduction to Museology: the european approach**. München: Verlag Dr Crithian Müller-Straten, Munich, 1998.

MENESES, U. B. T. de. A Psicologia Social no campo da cultura material. **Anais**. In: Museu Paulista. São Paulo, v. 4, p. 283-90, jan./dez. 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5344/6874>>. Acesso em: 23 maio 2018.

MENSCH, P. V. Notas sobre arredores. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 4. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009

NORA, P. Entre memória e história. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

OTTONI, M. A. R. et al. Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 10, p. 56-65, jan./dez. 2011.

POLLACK, M. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. 10. ed. Rio de Janeiro: 1992. p. 200-212.

POMIAN, K. **Colecção. Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

POULOT, D. **Museu e Museologia**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PROENÇA, W. de L. **O método da observação participante**: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. 2007. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~Conjunto%20III/4_23.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SCHECHNER, R. **Between theater and anthropology**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

SCHEINER, T. C. M. Museologia e Pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. (Orgs.). **Museu de Astronomia e Ciências Afins**: Museus Instituição de Pesquisa. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

_____. O Museu como processo. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008.

TOJAL, A. P. da F. Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: Para Quê e Para Quem? **Museologia e Interdisciplinaridade**. V. 6, n. 7, out./nov. 2015.

TORNATORE, J-L. Patrimônio, memória, tradição, etc: discissão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Revista memória em rede**. Pelotas, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9562/6411>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

VARINE, H. de. Museus como agentes de mudança social: balanço crítico. In: BRUNO, M. C. O.; NEVES, K. R. F. (Coord.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento**: propostas e reflexões museológicas. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

_____. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianeira, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Apêndices

Apêndice A :Questões das entrevistas semi-estruturadas para pesquisa de público IDOSOS

1. Qual é a sua idade?
2. O(A) Senhor(a) nasceu em Morro Redondo? Em caso negativo, perguntar se ele(a) se reconhecesse como morrorredondense.
3. O Senhor (a) sempre morou aqui em Morro Redondo?
4. O Senhor (a) sempre morou na área urbana?
5. Qual é (era) a sua profissão?
6. O (A) Senhor(a) se define como uma pessoa religiosa?
7. Em caso afirmativo, perguntar: - Qual Igreja costuma frequentar?
8. Além de ouvir a pregação da igreja, frequenta algum grupo relacionado à sua religião? Qual (is)? Qual é a principal atividade deste(s) grupo(s)?
9. Além do “Café Com Memórias” você frequenta outro grupo como as mesmas pessoas que fazem parte do “Café”?
10. Desde quando você conhece os frequentadores do “Café Com Memórias”?
11. O que costumam(costumavam) fazer juntos(as)?
12. Quando e em quais circunstâncias o senhor(a) conheceu o “Café Com Memórias”?
13. O senhor poderia comentar como funciona a atividade (Café Com Memórias)?
14. Como o senhor(a) descreve os sentimentos e sensações que vivenciou durante a atividade?
15. De que modo o “Café com memórias” (conversa com os amigos e a relação estabelecida com os objetos) interfere no seu modo de recordar o passado?
16. Em sua opinião, quem faz o “café com Memórias”?(os idosos? o museu? a Universidade? a comunidade como um todo?)
17. O (A) Senhor(a) assistiu alguma das encenações teatrais: “Memórias Caladas” ou “Doces Memórias”? Ao final da peça o Senhor (a) conseguiu perceber alguma relação com a sua história de vida? Qual sentimento a peça provocou no(a) Senhor(a)?
18. Como o senhor(a) percebe a participação das crianças nessa atividade? O(A) acha que o “Café com Memórias” pode contribuir para a educação dessas crianças? Por quê?

ARTICULADORES DO ROTEIRO TURÍSTICO MORRO DE AMORES E/OU EMPREENDEDORES LOCAIS

1. Você já ouviu falar sobre o “Café Com Memórias”? Em caso afirmativo, o que sabe sobre ele?
2. Em sua opinião, existe alguma importância em escutar as memórias dos idosos? Em caso afirmativo, qual seria a importância para o idoso? E para a sociedade?

3. O que você pensa sobre a tentativa de aproximação das gerações que o “Café Com Memórias” promove?
4. Você percebeu alguma contribuição do “Café Com Memórias” para a preservação da história e dos costumes locais? Em caso afirmativo, pode descrevê-la (s)?

PROFESSORES

1. Como o(a) senhor(a) percebe o Café com Memórias no contexto de inserção das crianças no ambiente do museu?
2. O(A) senhor(a) reconhece algum valor pedagógico no Café com Memória? Como essa atividade repercute no dia-a-dia das crianças na escola? (comentários, atitudes)
3. Como o senhor(a) percebe a relação intergeracional resultante do Café como Memórias?
4. O(A) senhor(a) observou alguma mudança no modo como as crianças veem e se relacionam com a história local após a participação no “Café com Memórias”?

Apêndice B: Modelo de autorização para uso de imagens audiovisuais

Autorização de uso de imagens audiovisuais

Eu _____, portador de RG número _____, autorizo a discente Andréa Cunha Messias, aluna do Curso de Bacharelado em Museologia pela Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação do Professor Doutor Diego Lemos Ribeiro, a gravar e a comunicar a entrevista concedida espontaneamente por minha pessoa em sua Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). A restrição que faço é que os conteúdos sejam utilizados com integralidade, ética e profissionalismo para satisfazerem, exclusivamente, a objetivos didáticos e em auxílio ao desenvolvimento da pesquisa científica.

Morro Redondo- RS, ____/____/____

Assinatura

Apêndice C: Relatório da reunião com a Associação Amigos da Cultura para criação do “Café Com Memórias”

Relatório de trabalho

Chegamos ao Museu, no sábado, por volta das 12:30, após almoçarmos. O cadeado já estava aberto. A Beatrice iniciou a higienização do espaço museológico enquanto eu contabilizava a visitação no mês de maio para colocar no relatório do IBRAM(12/05 a 17/05= 505 assinantes; 18/05 a 24/05= 16 assinantes; 25/05 a 31/05 não houve assinatura. Total de maio 2015= 521 assinaturas)

O Lauro chegou e conversamos sobre a repercussão da ação educativa no município. Ele informou que as pessoas ficaram muito satisfeitas e que falaram que iriam guardar o jornal como algo histórico. Comentou, também, que está sendo procurado para abrir o museu e que as pessoas passaram a se referir a ele como o Diretor da instituição – informação que ele desconstrói.

Sobre a continuação da ação educativa (exibição do episódio dos Simpson sobre a biografia dos objetos e da possibilidade de oferecer pipoca e refrigerante às crianças) o Lauro achou uma idéia muito boa. Como a área de entrada do museu está muito exposta ao frio, ele sugeriu que utilizássemos o auditório do Centro de Eventos e explicou que, devido a problemas com a licitação, o data show do museu não foi comprado, mas que ele teria como conseguir um emprestado.

Outras solicitações do Lauro:

- Marcar uma reunião com o Prefeito e com a Secretária de Educação – contando com a presença da Coordenadora de Educação do Município- para relatar as atividades desenvolvidas e a proposta de continuidade das ações;
- Repetir a ação com os alunos da Escola Alberto Cunha e com os Vereadores Mirins;
- Ele achou muito boa a proposta de incentivar crianças a agirem como Museólogos-mirins e perguntou se poderia envolver os alunos da escolinha de esporte que ele está envolvido. Sugestão prontamente acatada por todos

Antes do início da reunião, a pauta proposta foi lida para o Presidente da Associação Amigos da Cultura, o Sr Lauro Rodrigues. Ao tomar conhecimento das possíveis atividades, ele demonstrou muito interesse no assunto e relatou que a mãe dele tinha uma proposta semelhante, mas que nunca fora concretizada. Ao tomar conhecimento das possíveis atividades, ele demonstrou muito interesse no assunto e relatou que a mãe dele tinha uma proposta semelhante, mas que nunca fora concretizada. Informou também que recebera, como herança materna, uma área para ser destinada à construção de um espaço de convivência de idosos – algo que

não funcionasse como um asilo e sim como um centro de convivência. Ele solicitou um resumo por escrito da proposta de ação.

Com a chegada do Sr Evaldo (Conselho Municipal de Idosos) e da Sr^a Daiane (Secretária no Conselho Municipal de Idosos), iniciamos a conversa a respeito dos resultados observados com a ação educativa. O Sr Evaldo e o Sr Ervino falaram que agora estão sendo reconhecidos pelas crianças quando eles andam pelas ruas e que esta aproximação das gerações tem sido muito boa.

Ao ser explicado o esboço de ações envolvendo o museu e o público idoso, todos os presentes reagiram muito bem. A senhora Daiane (Secretária do Conselho Municipal de Idosos) solicitou o envio do resumo do esboço bem como uma sugestão de questionário a ser aplicado com os familiares e com os cuidadores de idosos. Ficamos de enviá-la por e-mail. E o Sr Evaldo Thiel (Diretor do Conselho Municipal de Idosos) sugeriu que as ações acontecessem de forma itinerante de forma a favorecer idosos da zona rural que não tinham condições físicas de chegarem até o MHMR.

Após discussão sobre as propostas, os presentes sugeriram que fosse feito um café nas casas dos idosos no qual o grupo veria as fotografias familiares e conversaria sobre eventos presentes na memória dos participantes. Já queriam expandir a atividade e convidar um grande número de idosos (cerca de 1500 pessoas). Como ficamos assustadas com a empolgação deles, solicitamos cautela e sugerimos começar com a execução de atividades simples e pequenas.

A Professora Valéria Feldens sugeriu que ao longo da semana todos pensassem a respeito de propostas para viabilizar o evento, cujo nome indicado por ela e, após votação, ficou sendo “Café Com Memórias”.

Foi sugerida também por eles uma apresentação de dança pelo CTG envolvendo a dinâmica dos bailes. Foi informado que o CTG quer fazer a apresentação da abertura envolvendo esta temática. Para isso, a Sr^a Daiane que participa também da organização desta proposta junto ao CTG solicitou informações de relatos sobre os bailes que obtivemos durante a fase de pesquisas de campo. Entreguei uma cópia da seção “Você sabia?”, bem como alguns relatos e o texto sobre o baile que existe no início da dissertação da Louise.

A Professora Rutinha Feldens apresentou os resultados dos trabalhos produzidos pelas crianças: uma série de cartas direcionadas aos senhores, uma reconstituição do circuito executado e desenhos de pontos mais representativos para eles. Foi informado que as cartas seriam postadas com as crianças na segunda feira.

Em relação à possibilidade de continuação da ação, ela aprovou a proposta do filme e da busca pela história familiar visando uma identificação com o acervo museológico (ideia muito aceita pelos demais participantes também). Relatou que a

turma entraria de férias dia 17 de julho e que a atividade poderia ser feita em qualquer dia, a depender da disposição da nossa equipe. Só salientou que no sábado as crianças participam de treino de futebol, o que reduziria a participação caso fosse feita no sábado.

A Prof Rutinha solicitou ajuda em relação a um projeto dela envolvendo a fonte de água e o tanque existente na Praça da Emancipação, perto da Prefeitura Municipal e distante 1km do Museu. Falou da possibilidade de executar uma atividade com a turma nesta praça e gostaria de contar com a ajuda da equipe do projeto – proposta que será apresentada por ela ao Prof Diego.

Em relação às atividades programadas para este sábado, o Michael não apareceu no Museu para iniciar a capacitação enquanto Museólogo-mirim. Como as discussões estenderam-se por mais tempo que o previsto, nós não conseguimos preencher o Termo de Empréstimo dos objetos da exposição e nem trocar as etiquetas deles.

Sem mais, fechamos o museu por volta das 17h:35min.

Morro Redondo, 13 de Junho de 2015.

Andréa Cunha Messias e Beatrice Gavazzi

Anexo

Anexo A: Lei Nº 1.570/2010 – Cria o Museu Municipal e dá outras providências

LEI Nº 1.570/2010

“ CRIA O MUSEU MUNICIPAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS”

RUI VALDIR OTTO BRIZOLAR, Prefeito Municipal de Morro Redondo – RS, no uso de suas atribuições legais;

FAÇO SABER que o Poder Legislativo Municipal aprovou e eu promulgo e sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É criado o Museu Municipal, destinado a salvaguardar elementos da história, da fauna e da flora do município, indumentárias dos povoadores e colonizadores pioneiros, elementos e peças dos minerais extraídos do solo, peças de arte de qualquer origem, e a colecionar e selecionar matérias e informações relativos ao Estado e ao País, formando acervo destinado ao incentivo da cultura em geral.

Art. 2º O Museu Municipal integrará a estrutura da Secretaria Municipal da Educação e Cultura e funcionará em instalações que lhe forem destinadas com os recursos consignados no orçamento

Art. 3º O Poder Executivo regulamentará, esta lei, no que couber.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

